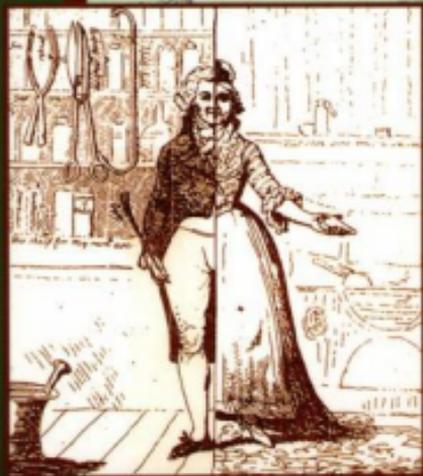


Anayansi Correa Brenes

# BRUXAS, COMADRES OU PARTEIRAS

A OBSCURA HISTÓRIA DAS  
MULHERES E A CIÊNCIA



DOS CONTORNOS DO CONFLITO PARTEIRAS E PARTEIROS FRANCESES

Anayansi Correa Brenes

DOS CONTORNOS DO CONFLITO PARTEIRAS E PARTEIROS FRANCESES

# BRUXAS, COMADRES OU PARTEIRAS

A OBSCURA HISTÓRIA DAS  
MULHERES E A CIÊNCIA



# BRUXAS, COMADRES OU PARTEIRAS

A OBSCURA HISTÓRIA DAS  
MULHERES E A CIÊNCIA

Anayansi Correa Brenes

DOS CONTORNOS DO CONFLITO PARTEIRAS  
E PARTEIROS FRANCESES

Tradicionalmente, os partos e seus cuidados foram realizados por mulheres conhecidas na comunidade como comadres ou parteiras. Ao longo dos séculos, o trabalho voluntário dessas mulheres foi sendo transformado em ofício e, depois, em profissão, acarretando nessa mudança, primeiramente, a entrada de outras mulheres (jovens, solteiras ou viúvas, sem filhos); depois, a da ciência e dos instrumentos cirúrgicos; e, finalmente, a dos homens...

ISBN 85-85002-75-1



9 788585 002756



**A**nayansi Correa Brenes ou Ana Brenes, como se autono-  
meia, nasceu no Panamá – Améri-  
ca Central –, em 1953.

Filha de Hugolino Correa Moreno e Carmen Brenes de Correa, cresceu no meio de seis irmãs, no Panamá, até a idade dos 18 anos. Por méritos nos estudos, ganhou uma bolsa para estudos no exterior e escolheu o Brasil como lugar para seguir seus estudos universitários.

Em 1972, começou o curso de Sociologia na UFMG. Em 1976, graduou-se, e já tinha aprovado o concurso para o mestrado de Ciência Política (DCP/UFMG).

Em 1978, foi contratada como professora pesquisadora pela Fundep, para atuar na residência médica em Medicina Social, da qual faz parte até hoje, no departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da UFMG.

Em 1992-1996, realizou o doutorado em História Social na Universidade Federal Fluminense, beneficiando-se de uma bolsa *Sandwiche* (CAPES), por dois anos, para estudar em Paris, na L'École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), a tradicional Escola dos Annales, onde estudou e fez pesquisas.

Em 1996, com o apoio da Aliança Francesa de Niterói, realizou a exposição *Les Sages-femmes* ou *A História das Parteiras Francesas*, ilustrada com uma vasta iconografia levantada em Paris, fazendo parte, hoje, do seu acervo pessoal.

Autora de dezenas de artigos sobre as parteiras, coordena, desde 1988, o Núcleo de Estudos Mulher e Saúde (NEMS), na Faculdade de Medicina.

Membro do Comitê Editorial da revista francesa "Les Dossiers de L'Obstetrique", desde 2001, e membro das associações: L'Histoire de la Naissance" e "Naissance et Citoyenneté".

Com este livro, rompe o silêncio de suas pesquisas para iniciar a árdua tarefa de reconstruir um pedaço da história das mulheres na ciência.

*No existen las brujas, pero de que las hay, las hay...*

# BRUXAS, COMADRES OU PARTEIRAS

A OBSCURA HISTÓRIA DAS MULHERES E A CIÊNCIA

---

DOS CONTORNOS DO CONFLITO  
PARTEIRAS E PARTEIROS FRANCESES



---

Um olhar brasileiro sobre o caso de Paris: o conflito parteiras-parteiros e seus desdobramentos no Rio de Janeiro, século XIX – Niterói : [s.n.], 1996. Tese (Doutorado) Universidade Federal Fluminense.

Anayansi Correa Brenes

**BRUXAS, COMADRES OU PARTEIRAS**  
A OBSCURA HISTÓRIA DAS MULHERES E A CIÊNCIA

---

DOS CONTORNOS DO CONFLITO  
PARTEIRAS E PARTEIROS FRANCESES



**PELICANO**

Belo Horizonte  
2005

**BRUXAS, COMADRES OU PARTEIRAS  
A OBSCURA HISTÓRIA DAS MULHERES E A CIÊNCIA**

Autora: Anayansi Correa Brenes

Projeto gráfico, diagramação e capa: SAITEC Editoração

Revisão ortográfica e gramatical: Maria de Lurdes Costa de Queiroz (Tucha)  
Tânia Cifuentes Lima

Produção Editorial: SAITEC Editoração/COOPMED Editora Médica

Tiragem: 1.000 exemplares

Ficha Catalográfica

Correa Brenes, Anayansi

Bruxas, comadres ou parteiras: a obscura história das mulheres e a ciência; dos contornos do conflito parteiras e parteiros franceses / Anayansi Correa Brenes. — Belo Horizonte: COOPMED, 2005. 96 p.

ISBN: 85-85002-75-1

1. História da Medicina. 2. Obstetrícia-história. 3. Parteiras. 4. Mulheres-história. 5. Bruxaria. I. Título.

NLM: WQ 11

CDU: 618.4

**EDITORA COOPMED LTDA**

Direitos adquiridos por Editora Coopmed Ltda.

Av. Alfredo Balena, 190

30130-100 – Centro / Belo Horizonte – MG

[www.coopmed.com.br](http://www.coopmed.com.br)



**PELICANO**

Pelicano Edições

Uma divisão da Editora Coopmed Ltda.

Tel.: (31) 3273.1955; Fax: (31) 3226.7955

[editora@coopmed.com.br](mailto:editora@coopmed.com.br)

Todos os direitos autorais são reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a duplicação ou reprodução desta obra, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia ou outros), sem a permissão prévia, por escrito, da Editora.

Em memória de todas as mulheres que  
lutaram pelo saber e para registrar  
suas histórias nas páginas  
da humanidade.

## Dedicatória

Existem várias pessoas, companheiras e amigas, que estiveram presentes ao longo desta jornada:

*Thiaguito*, meu filho, motivo central das questões exploradas desde que começou a transformar meu corpo e minha vida, aos 25 anos.

A historiadora e amiga, *Ismênia de Lima Martins*, com quem compartilhei esta viagem cheia de mudanças, de altos e baixos, de encruzilhadas, de personagens, de histórias de homens e, sobretudo, de mulheres que lutaram, como nós, pela vida e pela profissão. Sua mão forte permitiu que a nave em que navegávamos não se perdesse nem naufragasse. Confesso que por vezes o timonear ficou difícil, mas nesses momentos, como boas marujas, soubemos negociar a *carta náutica*. Hoje, pronta para novas aventuras, é uma das minhas primeiras convidadas, pelo seu aguçado olhar de historiadora.

Os amigos de La Bibliothèqure la Cité des Archives, localizada no hospital Bicêtre, Paris, especialmente Pierre Frère (chefe da Biblioteca), que foi tão generoso, acolhendo-me como pesquisadora com o mesmo respeito e *status* dos pesquisadores parisienses. Marise Hardy, que sempre me convidou para almoçar no hospital, suavizando, com suas longas conversas de mulher sindicalista e amiga incondicional, os duros meses do inverno parisiense.

## Agradecimentos

A muitos devo as possibilidades de desenvolvimento desta pesquisa:

Em primeiro lugar, ao corpo docente do doutorado de História da Universidade Federal Fluminense, por ter-me acolhido como aluna durante esses quatro anos.

Ao programa CAPES-PICD, da UFMG, pela concessão da bolsa de estudos, aqui e na França, fundamental para o desenvolvimento do trabalho.

Aos funcionários da Bibliothèque de l'Assistance Publique de Paris, lugar por onde pude penetrar na história do tema das parteiras e das alunas da escola, da realidade dos hospitais de Paris e da saúde francesa, ao longo do século XIX.

À Professora Doutora Magali Engel, ao Professor Doutor Luís Carlos Soares, à Professora Doutora Vânia Leite Fróes e à Professora Doutora Ismênia de Lima Martins.

Aos arquivistas brasileiros que pude conhecer na Biblioteca da Academia Nacional de Medicina, na Biblioteca Nacional e nos Arquivos da Cidade do Rio de Janeiro.

Aos meus colegas do curso, na UFF e na l'École de Hautes Études de Sciences Sociales (EHESS), Paris.

A todos, e aos que não pude citar, meus eternos agradecimentos.

## Prefácio

Ha três anos, uma pesquisadora de nome Anayansi Correa Brenes atravessava o portal de nossa oficina dizendo-se vir do Brasil. Pretendia, com essa visita, conhecer as instalações da revista onde trabalhamos, *Lés Dossiers de l'Obstetrique*, em Paris, por ter tido referências de ser esta a mais conhecida e a mais independente das revistas que tratava sobre o tema da profissão de parteiras (*sages-femmes*) durante trinta anos.

Ela veio ao nosso encontro, por um lado, querendo conhecer nossa profissão de parteira, que dizia não mais existir no Brasil, mas também querendo conhecer nosso órgão de imprensa muito referenciado em todas as conversas que ela tinha tido em Paris com as parteiras e os intelectuais franceses. Desse encontro nasceu uma bela amizade e, pouco a pouco, uma colaboração, com a participação de Ana no Comitê de Redação, como pesquisadora e porta-voz da mulher e da cidadã brasileira que é. Uma honra para nós todos.

As parteiras, por que estudá-las?

Quem são essas mulheres que “sabem” sobre mulheres?

Freqüentemente, na sua história, tentativas de submetê-las as qualificaram como *bruxas* e, por vezes, desqualificaram-nas nomeando-as *matronas*.

Seria esta uma profissão necessária?

Hoje em dia, para a Organização Mundial da Saúde (OMS), pouco importa que sejam enfermeiras, parteiras, médicos, mas é preciso um profissional qualificado, graduado

em Obstetrícia e em Pediatria, para diminuir a mortalidade materna e infantil no mundo. “Para uma gravidez de médio risco, o papel capital de um parteiro (*l'accoucheur*) qualificado” (declaração conjunta OMS, ICM, FIGO 2005) é um objetivo que ninguém pode contrariar; trata-se de salvar vidas.

Contudo, *esses profissionais citados não são idênticos*, quando examinamos o que cada um oferece na proteção do indivíduo.

Cuidar, atuando sobre a doença, este é o papel do médico; cuidados ao paciente é o que melhor identifica o da enfermeira. E o da parteira? Seu ofício é, de um lado, um híbrido originado das matronas, mulheres eleitas pela comunidade rural, onde os seus conhecimentos conjugaram tradição e experiência para sustentar e acompanhar as parturientes (esse formato ainda existe no mundo inteiro) e, do outro, um saber perinatal científico sobre a normalidade, o diagnóstico da patologia e a prevenção. O exercício profissional da parteira (graduada) se situa entre a decisão médica e o acompanhamento integral e atento da paciente.

Certos países decidiram um dia renunciar às parteiras (graduadas), dentre eles o Brasil e os Estados Unidos; outros começaram a recriar essa profissão, como a Finlândia, a Bélgica, o Canadá.

A medicalização de cuidados que foram dados às mulheres durante os séculos XIX, XX foi subordinando as parteiras (mulheres) à autoridade médica (homens), modificando e fragilizando essa profissão. No entanto, elas resistiram graças a dois movimentos.

De início, a medicina baseada em evidências demonstrará que os excessos médicos produzem iatrogenias, provocam morbidades importantes e inaceitáveis para as mulheres; em seguida, são as próprias mulheres que demandaram e reivindicaram, para seu projeto de vida, a presença das parteiras ao lado delas.

As pesquisas históricas das parteiras se entrecruzam com aquelas que falam da medicalização, de cuidados obstétricos e do tratamento do corpo feminino submetido a um discurso masculino dominante, imbuído de dogmas religiosos, seguidos de dogmas científicos. Elas mostraram a necessidade de construir uma relação social diferente sobre a “maternidade cidadã”, respeitando o lado feminino da mulher, de sua humanidade, no reconhecimento específico e único sob o olhar dessa profissão eterna.

As parteiras, as mulheres, uma história *in finie*.

Christine Blanchot-Isola

Parteira graduada, desde 1979, em PORT – ROYAL (Paris)

Membro diretivo do Colégio de Parteiras Francesas.

Redatora-Chefe da revista *Lés Dossiers de l'Obstetrique*  
(Paris/França) desde 2001.



*A man - mid - wife*

or a really disreputable animal, not known in England, for a more full description of this  
*Doctor* - see an ingenious book lately published, viz. entitled, *Man-Midwifery*  
 dissected, containing  
 a variety of well-authenticated cases elucidating the several Prognostics to  
 be used, & the manner of curing them, who has presented the Author with the first 100, from his pen  
 &c. &c.

Plate 3

Behind the man-midwife are shown his instruments and bottles containing the potions which, it was alleged, he used to stimulate sexual desire in his patients.

From S. W. Fores, *Man-Midwifery Dissected*, London, 1793.

A Man-Mid-Wife of S.W. Fores, Man-Midwifer Dissected, London, 1793. In: DONNISON, J. *Midwives and medical men: a history of inter-professional Rivalries and women's rights*. London: Heinemann, 1977.

A man-mid-wife. Caricatura londrina de 1793.

# Sumário

Introdução .....	19
DOS CONTORNOS DO CONFLITO PARTEIRAS E PARTEIROS FRANCESES .....	27
1 A RAIZ HISTÓRICA DA PROFISSÃO DE <i>SAGES-FEMMES</i> OU PARTEIRAS (INSTRUÍDAS) FRANCESAS .....	29
1.1 Das origens do ofício parteira-parteiro .....	36
1.2 Do ofício à profissionalização da parteira francesa.....	43
2 A IGREJA E O ESTADO NA POLÍTICA DE NASCIMENTOS .....	47
2.1 A difícil entrada dos homens no parto .....	60
2.1.1 A generalização de uma arte relativa às mulheres: a decisão histórica de Mme. Du Coudray, 1759-1783.....	63
2.1.2 A idéia controvertida de uma “nova parteira” na ciência...69	
3 O CAMINHAR DE UMA ARTE PARA CIÊNCIA: A INVENÇÃO DA CESARIANA EM VIDA .....	73
Conclusão.....	85
Bibliografia.....	91

*O destino de três filhos possíveis, tornando o mais  
inteligente médico, o mediano cirurgião  
e o estúpido, em parceiro.*

(MAGALHÃES, Fernando. A lição. Anedota citada em  
conferência na Clínica Baudelocque. Paris.

*Clínica Obstétrica*, Rio de Janeiro:  
Almanak Laemmert, n. 28, v. 1, 1930.)

## Introdução

**T**eoricamente, a pergunta inicial deste texto começou em 1988/1989, quando deparamos com a história do saber médico em obstetrícia, ao elaborar a dissertação de mestrado.\*

A necessidade de compreender a história da criação dessa disciplina e, particularmente, o momento que inaugurou o discurso da gravidez como processo fisiológico normal fizeram-nos encaminhar à Fundação Carlos Chagas e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico um projeto intitulado *História da Parturição no Brasil do Século XIX*, que teve acolhida pelo CNPQ e CPq/PRPq UFMG, e seu financiamento redundou na produção inicial deste recorte temático.

A documentação inicial da pesquisa *História da Parturição*, em sua maioria impressa, foi encontrada no formato de Teses Médicas do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, bem como dos Anais da Academia Nacional de Medicina. Foram analisados 83 documentos, entre teses médicas obstétricas, conferências médicas sobre a mulher, artigos sobre problemas médicos legais relacionados a notícias sobre aborto, infanticídio, entre outros subtemas ligados ao tema.

---

\* BRENES, A. Corrêa. *Mulheres poliqueixosas ou maior desgaste: conseqüências da condição feminina no processo saúde/doença*. Belo Horizonte: DCP/Fafich - UFMG, 1987.



Já a bibliografia de suporte secundário no Brasil, por ter sido concentrada nos estudos relacionais da medicina com a cidade do Rio de Janeiro, a disciplinarização dos corpos, o discurso do louco e da loucura, das instituições e dos higienistas, obrigou-nos a pensar na possibilidade de realizar uma investigação em Paris, por ter sido a França o lugar de nascimento da Obstetrícia como disciplina científica e apontada, também, como um centro de investigações de excelência sobre o tema e seus afins.

Estando lá, deparamos com o fato de que a historiografia francesa sobre o parto e seus cuidados, embora com uma grande produção, teria recentemente começado a debruçar-se sobre o tema do nascimento da obstetrícia. Os estudos de J. Gélis, M. Laget, M.F. Morel, F. Loux, Y. Knibiehler, F. Thebaud, C. Rollet, S. Beauvalet começam a dar forma ao tema por meio de perspectivas, enfocando-o, particularmente, nos séculos XVII e XVIII e de 1870 a 1914. O período que nos interessava – 1800 a 1870 – encontrava-se em aberto.

Decidimos pesquisar o caso parisiense procurando artigos em arquivos manuscritos. A partir daí, passamos a conhecer a história do parto e seus cuidados, a história das parteiras e dos parteiros, a oficina do Parto do *Hôtel-Dieu* de Paris e, por fim, o Hospício e a Escola de Partos para parteiras, em Paris.

Nesta última, encontramos a escola que mais causou polêmica com os nossos parteiros no Brasil, por isso aprofundamo-nos na sua história.

Feito o mapeamento e o levantamento de todos os arquivos sediados em Paris voltados para o tema da Escola de Partos de Paris, o que teria de ser um recorte de terreno tornou-se, aos poucos, o foco das atenções. A Escola de Partos (e bem menos seu hospício para mulheres) ganhou vida própria, a ponto de sua história se estender ao mundo inteiro.



## Hipóteses e articulações de fontes: 1993-1996

A nossa pesquisa difere bastante do enfoque tradicional historiográfico brasileiro. A França, ao centro do mundo daquela época, era um pólo difusor de projetos, idéias e profissionais que chegaram ao Brasil e foram analisados por nossos historiadores como acriticamente incorporados. O nosso enredo toca, em particular, o nascimento e as atitudes perante a vida. E esse fato faria uma enorme diferença ao ser examinado pelos brasileiros no início do século XIX.

Nossos parteiros e parteiras de época, particularmente Mme. Maria Josefina Mathilde Durocher, tecem uma série de considerações sobre a Escola de Partos de Paris que se tornam depoimentos importantes sobre a relação conflituosa parteiras-parteiros ao longo daquele período.

Na pesquisa francesa, a Escola de Partos de Paris não tem a dimensão internacional que chegamos a comprovar. E seu fechamento, em 1870, foi sempre atribuído, nos estudos franceses, às febres puerperais, assunto contestado por Mme. Durocher e comprovado por nós, ao apontar o “ciúme dos parteiros da Faculdade de Medicina de Paris” como os verdadeiros motivos responsáveis pelo fechamento.

Diante disso, o discurso de Mme. Durocher estará sendo examinado como um *discurso com verdades* de seu tempo e não como um *discurso imaginário* do que se passava em Paris. Em seu depoimento, o conflito na França se acentua desde que as parteiras resolvem se autodenominar *Sages-Femmes*, e não *Accoucheuses*, como propunha a arte.

Também frisamos que, embora a Escola tenha lançado as luzes necessárias para o caso do Rio de Janeiro, este estudo não tem caráter comparativo. Simplesmente acompanhamos a chegada e o desdobramento daquele projeto no Rio de Janeiro.



Para realizarmos o levantamento secundário da pesquisa na Biblioteca de l'École de Hautes Études de Sciences Sociales, revisamos o título *Parteiras*, no qual existem apenas três livros: o caso inglês documentado na caricatura que abre este livro, de J. Donnison, *Midwives and medical men* (1977); o caso francês, escrito por J. Gélis, *La sage-femme ou le médecin* (1992); e um estudo recente, de compilação de arquivos regionalizados de Nivernais, escrito por Guy Thuillier, *La naissance en nivernais au XIX<sup>ème</sup> siècle* (1993). Fez-se um levantamento sobre o tema e afins nas revistas *Penelope*, *Demographie Historique*, *L'homme* e em teses doutorais dos últimos vinte anos. Além disso, foram encontrados, em revistas especializadas, vários artigos sobre temas correlatos, como saúde, médicos, mulheres, corpo das mulheres, parto, parteiras e história do nascimento.

22  Diretamente sobre o tema, apontamos a tese de D. Tucac (1983), que pesquisou *Les sages-femmes, à Paris de 1871 à 1914*; R. Funchs, pesquisadora norte-americana, que escreveu sobre o tema *Pobres e grávidas em Paris, século XIX*, (1992). Por causa desse enfoque, ela abordou um pouco o hospício da Maternidade, local de prática da escola aqui pesquisada, e, por último, S. Beauvalet (1995), que pesquisou o tema *Parteiras e parteiros no século XIX*, para seu *Dotorat d'État* na Sorbonne, dando continuidade às hipóteses de J. Gélis.

As pesquisas de Nadine Lefaucher (CNRS-1989), explorando a articulação político-científica dos parteiros na instituição médica, no final do século XIX, e de outros autores, como F. Loux (o corpo e o parto em sociedades tradicionais); C. Rollet (a política da proteção materna da Terceira República); M.F. Morel, Y. Knibiehler, F. Thebaud (medicalização e nascimento); associadas a artigos pontuais, como os de Jean Pierre Goubert, J. Leonard, J. P. Peter, etc., contribuíram para esclarecer as questões de fundo do tema na França e, em particular, em Paris, até início deste século.

M. Coulon-Arpin (1982) e M. Martin (1994) são duas parteiras de gerações distintas que escreveram, também, sobre a história da profissão. Entrevistamos M. Coulon-Arpin, na época com 75 anos, na cidade de Moreaux, onde mora. M. Martin cedeu-nos, gentilmente, uma cópia de sua dissertação de graduação (1994). Entrevistamos várias parteiras, entre elas, Mme. Levacher e Mme. Barbier, profissionais de renome da Escola de Port-Royal.

Do enfoque feminista, resgatamos aqueles que analisaram a relação da mulher com a ciência, apontando na direção da dominação dos homens sobre ela. Em especial, destacamos os estudos que se detiveram no tema da saúde, da medicina e das mulheres, encontrado nas pesquisas de Constance Joël, Yvonne Knibiehler, Geneviève Fraise. Teoricamente, fizemos uma incursão nos estudos sobre a história do corpo, do saber feminino e, parcialmente, das mulheres.

Do trabalho desenvolvido por N. C. Mathieu, no qual se constrói uma nova concepção teórica, calcada nos estudos etnográficos sobre o corpo e a dominação feminina em culturas diferentes, resgata-se uma crítica às idéias do consenso na dominação. Segundo Mathieu, ceder não significa consentir.

Buscando constatações de como as mulheres *cedem* às pressões e agressões da cultura, Mathieu revela uma teia de motivos ligados à sobrevivência cultural das mulheres e às formas alternativas criadas por elas para resistir e mostrar seu desacordo. Com esse enfoque, tenta romper com a tradicional divisão “mulheres: vítimas-heroínas”, tão marcante no enfoque teórico feminista da década de 1980, bem como questionar as teorias do consenso e da dominação (feminina) exploradas nos estudos sobre o poder, mediante um viés pouco explorado, que aponta para a construção anatômico-política dos sexos.

Foram pesquisados os fundos e acervos dos arquivos franceses dos séculos passados, bibliotecas especializadas de ciências humanas, entre os quais se destacaram a



Bibliothèque de l'Assistance Publique e o setor de História de la Médecine em Odeón. Neles procuramos indícios ou pistas das parteiras, separando e lendo os arquivos diretamente relacionados com o tema, tanto nas palavras-chave – parteiras, maternidade, obstetrícia –, quanto nos manuais de parteiras e parteiros famosos de épocas passadas.

Na Bibliothèque de l'Assistance Publique foi encontrado o acervo da Escola do Parto para parteiras, hoje denominada Port-Royal, que parte de uma documentação especializada guardada em outro espaço, denominado Cité des Archives (lotada no Hôpital de Bicêtre). Encontramos praticamente toda a sua documentação: lista das alunas que se matricularam, arquivos de correspondência, arquivos legislativos, documentos impressos das graduadas e discursos de formatura, etc., do período de 1794-1892.

Outras gavetas pesquisadas foram: Maternidade Port-Royal, Medicina do século XIX, amas-de-leite, Paris século XIX, Comptes Generaux de l'Assistance Publique, Conseil General des Hospices, dicionários especializados, coleções, fotografias.

Quanto à legislação específica sobre a regulamentação dos profissionais da saúde – médicos, cirurgiões e parteiras no século XIX –, analisamos as leis sobre a situação das parteiras, os protestantes e os católicos sob o reinado de Luís XIV. E, por fim, detivemo-nos nas leis específicas sobre o Conselho Geral dos Hospícios e dos Hospitais de Paris, após a Revolução Francesa até 1892. Esse Conselho gerenciou diretamente a administração da Escola e do Hospício de Mulheres, bem como de toda a estrutura hospitalar de Paris, no período.

O eixo deste estudo, embora se inicie desde o século XVII, centra-se na Escola de Partos para Parteiras de Paris (1802-1877), por entendermos que sua criação foi o motivo principal que *explicitou um conflito antigo* entre ambos os profissionais, cirurgiões e parteiras. Uma Escola de Partos



apenas para mulheres, numa França revolucionária, certamente iria declinar no período napoleônico. No entanto, não foi assim. Napoleão apoiou esse projeto, mas a morte de Mme. Lachapelle, em 1822, fez com que a escola perdesse a “Estrategista-Mor” e, com isso, os rumos não ficaram muito claros para a profissão de parteiras, diante do avanço da Faculdade de Medicina na atenção ao parto.

O curso de parteiras criado na Faculdade de Medicina de Paris, em 2 de fevereiro de 1823, abre uma ferida na formação profissional das parteiras. Um curso de três meses passou a ter mais prestígio do que o de dois anos de estudos dado pela Escola de Parteiras. Surge a guerra entre mulheres parteiras de 1ª classe (graduadas pelo curso da Faculdade de Medicina de Paris) e as de 2ª classe (graduadas na Escola do Parto de Paris).

Essa injusta classificação e o reconhecimento profissional, com homens do Estado aliando-se a homens dos setores médicos de época, fizeram com que a formação profissional das parteiras fosse abalada.

No Brasil, fizemos uma primeira incursão no tema em 1989-1990, por ocasião da pesquisa *História da parturição no Brasil século XIX* (cf. bibliografia). Foram levantadas as teses médicas em obstetrícia lotadas na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro (desde 1840), e na Biblioteca da Academia Nacional de Medicina; as atas das reuniões dos seus membros, relatadas na revista *Annaes* da Academia, de 1870-1892. Com os esclarecimentos aportados pela historiografia francesa, continuamos a investigação, retomando as pistas do projeto ao chegar no Rio de Janeiro. O depoimento do Dr. Fernando Magalhães foi da maior importância, apontando-nos para os arquivos da Câmara Monárquica do Rio de Janeiro, período entre 1830 e 1832, que foram encontrados no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Esses arquivos possibilitaram a construção parcial do enredo às vésperas da constituição das escolas cirúrgicas em faculdades de Medicina.



E é nesse momento que as questões sobre o caso de Paris ganham corpo e forma, trazendo luz à história do nosso conflito, atravessada na sua particularidade escravista portuguesa.

Finalizamos com a constatação de que o atendimento ao parto era um campo tradicionalmente feminino e que transformações sociais, econômicas, políticas e, sobretudo, religiosas possibilitaram sua passagem para um saber médico-científico. Esse espaço *científico*, por motivos da herança cultural da dominação entre gêneros, era um campo tradicionalmente masculino. Faltava, então, responder: Como se daria essa passagem, e o que fazer com aquele exército de mulheres que, naturalmente, viriam nessa prática? Foi uma *delicada cirurgia, complexa e até hoje controversa*, pois, perante a ciência, teria que ser não só expressa uma nova ética, como também produzido “outro saber” nos cânones da época.



# DOS CONTORNOS DO CONFLITO PARTEIRAS E PARTEIROS FRANCESES

## *Avertissement*

*Depuis qu'on s'apperçoit que l'espece humaine dégénere & que la dépopulation est devenue penible, les Etats son attentifs à en rechercher les causes, & s'occupent des moyens les plus convenables & les plus propres à les disiper. L'insufisance des Sages-femmes des Campagnes dans l'art des accouchements, que la plupart ont la témérité de pratiquer **sans le connaitre**, fournit une de ces causes la plus alarmente.*

(Instructions succinctes sur les accouchemens, en faveur des sages-femmes des provinces. *Instruções sucintas sobre os partos, em favor das parteiras do interior*. Par l'ordre du Ministre M. Raulin, docteur en médecine, médecin du Roi [...] 1. ed. Morlaix: Chez P. Guyon, 1774.)

## **Tradução livre:**

*Desde que percebemos que a espécie humana degenera e que a população está em estado penoso, os Estados estão atentos à procura das causas e ocupando-se dos meios mais convenientes e mais apropriados para esclarecê-las. A insuficiência do conhecimento das parteiras do campo na arte do parto, no qual a maioria tem a temeridade de praticar sem conhecer, torna-se uma das causas mais alarmantes.*



## 1 A RAIZ HISTÓRICA DA PROFISSÃO DE SAGES-FEMMES OU PARTEIRAS (INSTRUÍDAS) FRANCESAS

No emaranhado de pequenos fragmentos sobre a história das parteiras, um entre eles começou a se destacar, ganhando vida própria: a formação prático-profissional dessas mulheres que, por não ser homogênea, foi ocasionando certa diferenciação entre elas.

De maneira geral, pode-se pensar na existência de três modelos de parteiras: desde o início, muitas delas adquiriram a prática por meio do exercício da empírea; outras, num momento histórico ainda próximo ao dos ofícios, fizeram os primeiros caminhos e associações da empírea aos estudos anatomocirúrgicos; finalmente, essas mulheres começaram a estudar nos cursos oficiais de parteiras.

Com base nessa diversidade na formação, receberam nomes e tratamentos distintos ao longo do tempo ou mesmo na comunidade em que atuavam.

*'Mère-alleresse, sage-dame, ventrière des accouchées, leveuse, bonne-mère, mère-sage, mère-matrone, matrone'. Mais próxima de nós, sages-femmes e/ou accoucheuses.<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> L'HEREUX événement: une histoire de l'accouchement. Musée de l'assistance publique – Hôpitaux de Paris. Exposição realizada de 7 de abril a 16 de julho de 1995.



No entanto, perguntando-se hoje a uma parteira graduada francesa (*sage-femme* ou parteira diplomada) se ela identifica suas origens com o modelo das *comadres*, conhecidas também como parteiras tradicionais ou matronas, a resposta será: **Não!**

A partir dessa negação, percebe-se outra questão que atravessará a profissão ao longo de sua transformação de ofício para disciplina científica: a parteira graduada não será ou não se sentirá um modelo aprimorado, evoluído, surgido da parteira tradicional.

O nome que elas se deram em Paris (quando do formato de parteiras instruídas ou diplomadas) foi *sages-femmes* (textualmente “mulheres sábias”), nome que traz a marca de uma raiz mítica, “as sagas gregas”, com a qual passaram a se identificar, desde o século XVIII até nossos dias.



176. 2.

Mme. La Voisin foi queimada viva em Paris, em 1680.



177. 2.

à mort contre le bûcher, contre les religieuses de l'hôpital, contre des occultistes ou des autres dames qui s'ingèrent

Marguerite du Tertre, pseudônimo  
Mme. Lamarche, 1638-1706.





M<sup>me</sup> Dugés.

Mme. Marie Dugés, 1730-1797.



M<sup>me</sup> Duoudray.

Mme. Marguerite Le Boursier Du Coudray,  
1712-1825.



Maria Louise La Chapelle.

Marie Louise La Chapelle,  
1768-1821.



M<sup>me</sup> Boivin.

Mme. Marie-Anne Victoire Boivin,  
1773-1841.





Mme. Madeleine Legrand, [s.d].



Madeleine Edmée Clémentine Hucherard, Mme. Charrier, (1797-18-), discípula preferida de Mme. La Chapelle.

Quem era e o que faziam as sagas gregas? Mito fundador. Os relatos históricos<sup>2</sup> destacam a vida de

uma jovem grega dotada de inteligência e instrução, querendo vir em socorro de suas semelhantes, protegida por um médico honesto e de nomeada, seguiu disfarçada nas vestes masculinas os cursos de cirurgia com sumo aproveitamento, e em pouco tempo tornou-se tão hábil parteira que teve contra ela todos os ardis, manejos e cabalas sugeridos pela inveja; as acusações e calúnias caíram sobre sua reputação, firmada pelo merecimento científico, e enorme clientela, provavelmente devido à revelação secreta de seu sexo às parturientes, que por interesse próprio guardavam o sigilo. [...] Denunciada ao Areópago como sedutor das mulheres casadas a quem partejava, este suposto homem compareceu diante do terrível tribunal, e seu defensor, depois de eloqüente defesa, abriu-lhe a túnica, patenteando aos olhos ávidos dos seus conspícuos ouvintes o sexo de sua constituinte.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Em particular, no século XIX. Essa lenda também chegou ao Brasil e foi contada por Mme. Durocher, M. J. M., embora a certa altura do relato ela defenda que o nome mais apropriado seria *accoucheuses*. (DUROCHER, M. J. M. *Deve ou não haver parteiras*, p. 260-261.)

<sup>3</sup> DUROCHER, M. J. M. *Deve ou não haver parteiras*, p. 260-261.

Convencidos de que lutavam em vão, os legisladores passaram a permitir que o exercício da arte obstétrica fosse concedido a mulheres, chegando mesmo a organizar-se um regulamento com o qual tinham de se conformar. Desde então, as *sagas* da Grécia tratavam de enfermidades das partes geniturinárias desdenhosamente abandonadas pelos médicos da época, que consideravam um desdouro para sua dignidade curar tais enfermidades.

Esse relato heróico da origem da parteira moderna nem sempre teve unanimidade. Debates realizados durante todo o século XIX, chegando até o início do atual, apontam um discurso médico que, explicitamente, desprestigia essa origem. Se a expressão *sage-femme* deriva do termo latino *saga*, é preciso destacar que ele se aplicava a um ofício que, segundo os críticos, quem o exercia, na realidade, não deveria se vangloriar, pois as “sagas” eram verdadeiras “alcoviteiras”.<sup>4</sup>

Segundo estudos de Rouyer sobre medicina na Roma Antiga,<sup>5</sup> tudo o que se relacionava com o amor e a luxúria era da competência delas: preparavam filtros e porções, praticavam a magia e o aborto.

Mauriceau, célebre parteiro do século XVII, atribuiu a expressão *sage-femme* a outra gênese. Segundo ele, essa denominação se originaria com a mãe de Sócrates, que tinha a fama de ser a mais sábia das mulheres da Grécia e que exercia a arte de partejar. Para autores mais modernos, essa alegação era fantasiosa e, na realidade, os romanos, designando a *sage-femme* que fazia conscienciosamente seu ofício,

<sup>4</sup> LA CHRONIQUE médicale. *Revue Bimensuelle de Médecine: historique, littéraire et anecdotique*, 16<sup>e</sup> année, n. 18, p. 588-589, 15 Sept. 1909.

<sup>5</sup> ROUYER, Jules. *Etudes médicales sur l'ancienne rome*. In: LA CHRONIQUE médicale, p. 588.



se expressavam diferenciadamente utilizando a palavra *obstetrix*.<sup>6</sup>

Segundo Sue, a *sage-femme* francesa correspondia à comadre ou parteira na Espanha, *levatrice* na Itália, *midwife* na Inglaterra.<sup>7</sup> Na França, desde a Idade Média, eram chamadas de *ventrières* e, mais tarde, de matronas. Ao longo do século XIX, confrontaram-se com as denominações *accoucheuses* e *sages-femmes*.

A generalização, sobretudo, do termo *sage-femme* não significava o reconhecimento da competência que a forte expressão (mulher sábia) sugeria. Prova disso é que muitos discursos médicos destacavam o trocadilho *qu'une sage-femme et une femme sage pouvaient très bien ne pas se rencontrer dans la même personne* (que uma “sábia mulher” e uma “mulher sábia” poderiam não ser a mesma pessoa).<sup>8</sup>

Além da discussão sobre o nome da profissão, havia também forte representação de gravuras que traduziam o espírito do debate.<sup>9</sup>

No retrato que faziam de si mesmas, utilizando, por exemplo, mediante o emblema profissional nas portas da residência, a figura da parteira tem o ar fino e elegante de uma dama, mas a descrição e a sobriedade próprias à sabedoria são também elementos marcantes do registro iconográfico.

<sup>6</sup> LA CHRONIQUE médicale. 1909.

<sup>7</sup> LA CHRONIQUE médicale. 1909.

<sup>8</sup> LE JEUNE, M. Sue. Essais historiques sur l'art des accouchements, v. 2, 1779, *apud* \_\_\_\_\_. *Origine du mot sage-femme*. LA CHRONIQUE médicale, p. 588.

<sup>9</sup> LOUX, L. La sage-femme. In: *Les gens de médecine vus au milieu du XIX<sup>ème</sup> siècle*. Paris: Errance. (fotocópia) [s.d.]. SPEERT, Harold M. D. *Histoire illustrée de la gynécologie et de l'obstétrique*. Cap. 3: Les sages-femmes, p. 68-70.





O emblema da profissão de parteira na França.  
LA CHRONIQUE medicale, 1909.

Por outro lado, os opositores de tal concepção apresentavam outro retrato em que os elementos de caracterização estão sempre no campo do grotesco: feias, gordas, mal trajadas e sempre com o tabaco ou a garrafa de bebida alcoólica nas mãos.



Caricatura *La sage-femme* (francesa), meados do século XIX. In: L. ROUX,  
 L. *Les gens de medecine, vus au milieu du XIX<sup>me</sup> siècle*. Paris: Errance.  
 La sage-femme. [s.d.].

### 1.1 Das origens do ofício parteira-parteiro

Tradicionalmente, os partos, os cuidados com o corpo feminino e com os recém-nascidos eram realizados por uma mulher conhecida na comunidade como comadre ou *bonne femme*. Sabe-se muito pouco sobre essa mulher, embora tenha sido a depositária de um saber popular integrado à cultura rural, que foi produzindo lendas e crendices sobre



o corpo grávido, associadas à natureza. Com tais analogias à natureza, idéias sobre o corpo foram sendo construídas e repassadas de mãe para filha até finais do século XIV.<sup>10</sup>



Mulher e feto. *De formato foetu liber singularis...* (1626).  
SPIEGHEL, Adrian van der.  
In: COULON-ARPIN, M. *La maternité...*

<sup>10</sup> Essa idéia perpassa todos os estudos feministas sobre o corpo e a saúde da mulher, mais frequentemente em sociedades ditas tradicionais.



Em sintonia com as concepções rurais sobre o corpo grávido, desenvolveu-se uma série de práticas e saberes populares de atendimento à parturiente, bem como rituais associados ao nascimento e ao destino do recém-nascido.<sup>11</sup> Embora esse saber tenha sido qualificado por muitos autores<sup>12</sup> como rudimentar, “no limiar da ignorância”, sabe-se, no entanto, que era administrado pela mulher mais velha do vilarejo, aquela mais bem-sucedida e com muitos filhos, sendo amplamente reconhecida pela comunidade. Em outras palavras, certo “empirismo sensorial”<sup>13</sup> era necessário para legitimar a autora dos cuidados no parto, diante da comunidade.

Autores como Gélis e Laget<sup>14</sup> apontam o século XV como aquele que inaugura a ruptura, quando aparecem vestígios de uma mulher urbana em suas origens, que passou a ser paga pela comunidade e pela municipalidade, para ajudar as mulheres no parto.<sup>15</sup>

O primeiro e grande divisor de águas entre essas duas maneiras de praticar o atendimento ao parto, segundo Gélis, estava no papel que cada uma dessas mulheres desempenhou na comunidade.

<sup>11</sup> LOUX, F. *Pratiques et savoir populaires. Le corps dans la société traditionnelle*, 1982.

<sup>12</sup> COULON-ARPIN, M. *La maternité et les sages-femmes de la pré-histoire au XX<sup>ème</sup> siècle*. Paris: Roger D'Acosta, 1982. 2 v. Essa autora diz na sua entrevista que está havendo uma confusão profissional entre a comadre e a *sage-femme*. Veja também GÉLIS, J. *L'arbre et le fruit: la naissance dans l'occident moderne XVI<sup>ème</sup> e XIX<sup>ème</sup> siècle*. Paris: Fayard, 1984. Do mesmo autor, *La sage-femme ou le médecin: une nouvelle conception de la vie*. Paris: Fayard, 1988. 560 p.

<sup>13</sup> SOARES, L. C. O nascimento da ciência moderna: os caminhos diversos da Revolução científica nos séculos XVI e XVII. Arrabalde. *Cadernos de Historia, série I: Ciência e história*, p. 26, 1996.

<sup>14</sup> LAGET, M.; MOREL, M. F.; GÉLIS, J. *Entrer dans la vie. Naissances et enfances dans la France traditionnelle*. Paris: Collection Archives, 1978. Essa obra inaugurou o campo de pesquisa sobre o tema.

<sup>15</sup> GÉLIS, J. *La sage-femme ou le médecin: une nouvelle conception de la vie. Première partie: le temps de la sage-femme*, p. 15-64.





Gravura do Museu Nacional de Artes e Tradições Populares de Paris.

O saber das novas parteiras urbanas baseava-se em estudos anátomo-cirúrgicos, dissociados do empirismo sensorial. O caso de Catarina Schrader, apontado por Gélis, ilustra bem esse modelo de parteira, com atendimento e formação profissional muito particular na época. Trabalhando na cidade e no campo, fez o parto de 3.060 mulheres e documentou-os com muita precisão. Gélis pergunta-se se esse seria o perfil de todas as parteiras da época.<sup>16</sup> Naturalmente que não!

Segundo Coulon-Arpin,<sup>17</sup> outro traço marcante em oposição às comadres é que as mulheres eram viúvas, em sua maioria, de cirurgiões e jovens que se “habilitaram na arte”, observando e realizando experiências científicas, as quais foram sendo documentadas. Dessa documentação surgiriam

<sup>16</sup> GÉLIS, J. *La sage-femme...*, p. 29-31.

<sup>17</sup> COULON-ARPIN, M. *La maternité...*, v. 2.





Cadeira obstétrica do século XV.



Posição italiana do parto - século XV.



Cena do parto – século XVI.



Parto na Suíça – século XVI.



os primeiros manuais associando a técnica de ilustração com o parto e seus cuidados.<sup>18</sup>

Do século XV até fins do século XVIII, vários modelos de parteiras foram desenhados, embora esse marco, por vezes, remonte a 1268, quando diversos ofícios vão aparecendo em corporações com o aval das magistraturas da época, mencionando-se como primeiras precursoras do ofício de partos as *ventrières*, com duas registradas no livro de *La taille*, de 1292: *Michielle, rue du Renard et Amélyne, rue des Ecouffés, toutes deux à Paris*.<sup>19</sup>

Gélis<sup>20</sup> classifica a prática profissional das parteiras oscilando entre o serviço pago por uma pensão (parteira em função pública) e as independentes (parteiras no exercício liberal), prestadoras de serviços e cuidados na iniciativa privada. As primeiras, sobrevivendo de um pagamento anual pelo trabalho que realizavam; as outras, recebendo a cada parto que atendiam. Os tipos de mulheres pertencentes ao atendimento público eram parteiras de pobres, parteiras de pestes, parteiras de prisão.

Em meados do século XVIII, muitas passaram a ser convocadas pelo poder local, já na condição de juramentadas, para participar de litígios por delito de honra. Assim, recebiam, aos poucos, o papel de polícia de costumes da época, tendo que estar presentes nos julgamentos de crimes contra a



<sup>18</sup> WITKOWSKI, G. J. *Accoucheurs et sages-femmes célèbres*, p. 4. Aqui se relata os títulos dos trabalhos de Trotula, *sage-femme* do século XII, nos quais se registraram os cuidados que esta *mulher* daria a suas companheiras. Na Idade Moderna, encontramos o maior número desses títulos.

<sup>19</sup> COULON-ARPIN, M. *La maternité...*, p. 37. Veja-se também FRANKLIN, Alfred. *Dictionnaire historique des arts, métiers et professions exercés dans Paris depuis de trezième siècle*, p. 625, onde se cita o ano de 1580. Nesse dicionário se esclarece que as matronas juramentadas também eram chamadas de *ventrières*, as quais eram comissionadas de esclarecer à justiça e redigir relatórios de medicina legal.

<sup>20</sup> GÉLIS, J. *La sage-femme...*, capítulo primeiro, primeira parte, p. 23-39.



Loyse Bourgeois, 1563-1636.

honra das mulheres e na anulação de casamentos. Pouco a pouco, elas iam adquirindo grande prestígio e poder, privilégios que lhes concedia essa prática. Algumas chegaram a alcançar títulos de nobreza como parteiras da corte ou mesmo da rainha, entre as quais, a mais famosa foi Louise Bourgeois, *dite Boursier* (1563-1636), parteira da rainha Marie de Médécis, aos 36 anos de idade, em 1601.<sup>21</sup>

## 1.2 Do ofício à profissionalização da parteira francesa

No *Dictionnaire historique des arts, métiers et professions*<sup>22</sup>, encontramos evidências de que o trabalho exercido pela parteira, tão logo transformado em ofício, passou a existir sob uma regulamentação disciplinar específica.

Embora tudo indique que desde 1378 havia no Hôtel-Dieu de Paris uma *ventrière des accouchiez* de nome Juliette, e em 1385 já atuasse outra de nome Jeanne Dupuis, autointitulando-se *maitrese des accouchées*, a primeira regulamenta-

<sup>21</sup> COULON-ARPIN, M. *La maternité...*. Veja também GÉLIS, J. *La sage-femme...*; WITKOWSKI, G. J. *Les accouchemens à la cour*. Paris, [s.d.]. (provavelmente final do século XIX.); e, por último, BOURSIER, L. B. *Observations diverses sur la stérilité, perte de fruits, fécondité, accouchements et maladies de femmes et enfants nouveau-nés suivi de Instructions à ma fille*, p. 18.

<sup>22</sup> FRANKLIN, Alfred. *Dictionnaire historique des arts, métiers et professions exercés dans Paris depuis de treizième siècle*, p. 625.



ção da categoria de que se tem notícia remonta a 1560 e se circunscrevia ao perímetro urbano de Paris.<sup>23</sup>



Reprodução de uma antiga gravura da Biblioteca Nacional de Paris.  
*Les Religieuses de l'Hôtel-Dieu*, n. 46, v. 1. *Les Hôpitaux disparus*.  
 Biblioteca des Hôpitaux et de l'Assistance Publique à Paris.

Ao que tudo indica, logo que foi criada a Escola de Medicina de Paris, essas mulheres encaminharam vários perdidos, visando adquirir conhecimentos anatomicocirúrgicos para se aprimorar na arte. Infelizmente, os médicos daquela instituição estavam tão ocupados com as lutas deflagradas

<sup>23</sup> COULON-ARPIN, M. *La maternité...*, p. 7-9 e 42; GÉLIS, J. *La sage-femme...*, p. 42.

pelos cirurgiões contra eles que não tiveram condições ou interesse em atendê-las.<sup>24</sup>

As demandas dessas mulheres se viram atendidas parcialmente em 1664, quando foram, aos poucos, encaminhadas aos cirurgiões, para que eles as instruissem. Em 1699, foram incluídas, definitivamente, como agregadas à comunidade cirúrgica, juntamente com outros *metiês les renoueurs, les herniaires, les dentistes, les oculistes et les lithotomistes*.<sup>25</sup>

Se, por um lado, esse momento inicia mais claramente um controle do ordenamento de parteiras como ofício cirúrgico, por outro, também significou o começo dos atritos com os cirurgiões ou mesmo a apropriação de sua prática por eles.

Os modelos tradicionais de formação de parteiras de mãe para filha, da auto-experiência, ou mesmo a formação perante uma parteira experiente, após a criação estatutária, foram alterados, pois, além da instrução, deveriam submeter-se aos exames diante de um jurado.

Os requisitos para que recebessem a carta profissional eram:

1º) Segundo a regulamentação de 1580, deveriam apresentar-se a um jurado composto de médico, dois cirurgiões e duas parteiras juramentadas, que avaliavam seus conhecimentos. Em 1674, para obter a Carta, deveriam submeter-se a um interrogatório perante o corpo de cirurgiões, na presença de membros da Faculdade de Medicina, e falar sobre “a apresentação, a conduta e a instrução que serão cobradas dos jurados parteiras diplomadas.”<sup>26</sup> Depois de aprovadas

<sup>24</sup> FRANKLIN, Alfred. *Dictionnaire historique des arts, métiers et professions exercés dans Paris depuis de trezième siècle*, p. 625; CARRIER, H. *Origine de la maternité de Paris: les maîtresses sages-femmes et l'office des accouchées de l'ancien Hôtel-Dieu (1378-1796)*.

<sup>25</sup> FOSSEYEUX, Marcel. *Les sages-femmes et nourrices à Paris au XVII<sup>e</sup> siècle*. Cote B – 1041 (15) BHAPP.

<sup>26</sup> Documento b 1041 (15). *Sages-femmes et nourrices de Paris au XVII<sup>e</sup> siècle*, p. 2.



no exame, informavam o procurador (*prévot*) do Rei sobre sua vida e costumes, em Châtelet, e faziam um juramento de exercício profissional.

M. Fosseyeux afirma que, desde o final do século XVI, as matronas<sup>27</sup> eram submetidas a essa rotina. Na regulamentação descrita por F. Olive (1580), não se menciona a comissão da Faculdade de Medicina de Paris, a qual, pelo visto, foi introduzida em 1674.

2º) Segundo o *Traité de la police*, muitas negligenciavam normas contidas no juramento, após receberem a Carta de Capacitação, mas a polícia logo desencadeava uma série de ameaças de suspensão do exercício profissional até a cassação definitiva, para fazê-las fiéis ao compromisso assumido. Várias cassações, por esse motivo, foram documentadas nos julgamentos registrados entre 12 de dezembro de 1726 e 22 de setembro de 1765.<sup>28</sup>

3º) Por último, era-lhes exigido que apresentassem ao cura da paróquia a documentação anterior e jurassem lealdade à Igreja Católica, prometendo batizar as crianças “nos casos de urgência”.

As únicas parteiras eximidas, desde 1664, de toda prova de conhecimentos eram as egressas do Hôtel-Dieu de Paris. O curso formava de três a quatro mulheres jovens, a cada três meses. A formação era única no mundo e reconhecida superior aos outros formatos, inclusive o curso teórico proposto pelos cirurgiões.

<sup>27</sup> Arquivo da Bibliothèque National T 13 (1). In: 8º publiée par V. Nicase. *Bulletin Société Française Histoire de la Médecine*, 1906, p. 221. (BHAPP) Segundo M. Fosseyeux, nesse arquivo estariam as listas das matronas juramentadas desde finais do século XVI.

<sup>28</sup> La poix de fréminvillem. In: TRAITÉ de la police, p. 667; arrêts du parlement du 12 décembre 1726, 3 sept. 1728; sentences du lieutenant criminel des 15 juillet 1729, 5 avril, 12 maio 1742, 22 sept. 1765, apud FOSSEYEUX, Marcel. *Les sages-femmes...*, p. 3. A documentação aqui apontada não pode ser pesquisada nos arquivos da polícia de Paris e, ao que consta, ainda não foi objeto de estudo pela historiografia francesa.





Planta do Hospital Hotel-Dieu, Paris. Figura tirada do livro de H. CARRIER. *Origines de la maternité*, 1881.

Desde o século XVII, as alunas, a cada seis semanas, tinham acesso a um curso de dissecação e anatomia, no qual as partes do útero eram ensinadas pela parteira-chefe, que se autodenominava *Maitresse des accouchemens*, e o médico convidado só esboçava alguns comentários. O lugar da parteira-chefe na ala de atendimento ao parto, do Hôtel-Dieu, era indiscutivelmente de total liderança.

Na regulamentação examinada por Coulon-Arpin,<sup>29</sup> oito dias depois de aprovadas nesses exames, elas eram autorizadas a colocar diante de suas casas o símbolo da parteira: uma mulher carregando um bebê (tal como na gravura da p. 35), ou um menino portando um lírio, ou um berço com uma flor-de-lis.

A falta de prática e a desigualdade de formação foram abrindo caminhos éticos distintos de atuação.

A situação do mercado de trabalho para elas agravou-se quando as listas com os nomes das aprovadas no exame de Châtelet não foram divulgadas. Esse fato colocou

<sup>29</sup> COULON-ARPIN, M. *La maternité...*, p. 42-43.



as parteiras com curso no mesmo nível das curiosas, facilitando a continuação da prática da concorrência desleal e do charlatanismo. O caso mais grave de atuação inescrupulosa foi atribuído às parteiras do campo.

Bem ou mal, as parteiras da cidade de Paris estavam mais controladas.



## 2 A IGREJA E O ESTADO NA POLÍTICA DE NASCIMENTOS

Pouco a pouco, o Estado foi proibindo as parteiras católicas de exercer sua profissão e de ajudar no nascimento dos membros de sua comunidade religiosa, registrando no *Recueil général des anciennes lois françaises*<sup>30</sup> decretos explicitando essa interdição:

Que ninguém de ambos os sexos que esteja atuando na religião que se define como reformada possa, de hoje em diante, se ocupar de partear em nosso reino, país e terras de nossas obedientes mulheres, seja da religião católica apostólica romana, seja da religião que se pretende reformada, ficando terminantemente proibido sobre a pena de pagar 3 mil libras de multa e de ser processada por contravenção.<sup>31</sup>

No século XVIII, a controvérsia entre a vida da mãe ou a vida da criança, como registra Filippine,<sup>32</sup> assumirá a defesa clara do controle ou da saúde das almas dos recém-

<sup>30</sup> ISAMBERT, M. M. *Recueil général des anciennes lois françaises depuis l'an 420 jusqu'à la Revolution de 1789 par avocat aux conseils du roi et à la Cour de Cassation*. Paris: Belin - Leprieur, 1829.

<sup>31</sup> ISAMBERT, M. M. *Recueil...*, v. XVIII.

<sup>32</sup> FILIPPINE, N. M. *La naissance extraordinaire; la mère, l'enfant le prete, le médecin face à l'operation césarienne (Italie, XVIII<sup>ème</sup>-XIX<sup>ème</sup> siècles)*. 1993. Thèse (Doctorat), 1993. Muitas das questões foram debatidas na defesa de tese, à qual esteve presente. O trabalho de N. M. Filippine inaugura uma nova versão sobre o tema da ocupação do parto pelos cirurgiões parteiros que foi endossada por J. Gélis ao fazer parte da sua banca examinadora.





Senhor Vicente e as damas da caridade. Pintura de Frei André, 1730, coleção Museu dos Hospitais de Paris.



nascidos, priorizando-se o batismo da criança em detrimento da saúde e vida da mãe.

Antes, os recém-nascidos, hipoteticamente, poderiam ser sacrificados, vítimas de infanticídio, deixados ao relento. Se sobrevivessem e tivessem sorte, eram encaminhados aos recolhimentos, apesar do grande constrangimento social do período.

Até o final do século XVII, quando havia perigo de morte da mãe, as crianças eram sumariamente sacrificadas, muitas, por vezes, no útero materno. A prática das embriotomias<sup>33</sup> era realizada nesses casos sem despertar grandes dúvidas sociais. Os relatos dramáticos desse tipo de situação destacavam o sofrimento, o luto e a dor das famílias envolvidas.

<sup>33</sup> LAROUSSE, Pierre. *Grand dictionnaire universel du XIX siècle*, t. 7<sup>me</sup>, p. 428. Ver Embriotomie.

No século XVIII, a Igreja Católica, introduzindo limitações à maneira como a parteira realizava o batismo dos recém-nascidos, na prática favoreceu o início do deslocamento (de alguns setores da Igreja) em direção à construção de uma nova “ética” científica nos nascimentos, principalmente para aqueles “fora da norma”.



O retorno do batismo de L. ou A. Le Nain, 1642, coleção Museu do Louvre.

Em que consistiu a mudança?

Em 1741, o *Dictionnaire de cas de conscience*<sup>34</sup> dá uma idéia da mudança no tratamento dispensado pela Igreja às mulheres que solicitavam o sacrifício do conceito intra-útero. O ponto crítico da mudança era situar em que condições o sacrifício da criança deveria ser considerado pecado para

<sup>34</sup> DICTIONNAIRE de cas de conscience (A-D) ou décisions des plus considerables difficultés touchant la morale & la discipline ecclesiastique: Tirées de l'écriture, des conciles, des peres, des decrets; mots clés *Avortement, Baptême*.

aquela mulher que o solicitava. A resposta com motivos considerados fúteis (luxúria ou excesso de divertimento) era de condenação imediata. No entanto, se estivesse em questão a vida da mãe, a resolução tomava caminho diferente, uma vez que a máxima da Igreja se chocava com a máxima do direito natural, ou seja, o direito inalienável à vida, o qual, em tese, absolvía a quem assim o defendesse.



O parto do desespero. A criança foi decapitada e desmembrada. A mulher foi assistida por um cirurgião que sustenta nas mãos o instrumento (fórceps?).

À esquerda, o pai e dois de seus filhos rezando. (Bayerisches National Museum, Múnic, 1759.)

Para solucionar tal impasse, era preciso driblar o confronto com a lei e, portanto, com o Estado, introduzindo também o novo reordenamento proposto pela Igreja. Tudo indica que a solução encontrada propiciou o deslocamento do tema “saúde e vida da mãe” para o da animação ou “inanimação” da alma da criança dentro do útero materno e, com isso, abriu-se o espaço para uma instância superior: a divina providência, capaz de julgar ambas as vidas. Essa saída desconceituou o direito de vida da mulher que vinha implícito na lei.



"A fonte dos milagres em Bretagne". Quadro de Eugène-François Fines, segunda metade do século XIX, Morlaix, Museu dos Jacobinos.

No que diz respeito à formação da alma das crianças, ficou decidido que as do sexo masculino dar-se-iam com quarenta dias e as das meninas, com oitenta dias. Portanto, para deliberar cientificamente sobre o sacrifício do feto, era fundamental saber sua idade intra-útero, bem como o seu sexo. Caso ele fosse considerado animado, a Igreja proibia terminantemente o seu sacrifício, entregando a resolução do caso nas mãos da instância superior.

No entanto, nos casos de dúvida, seja na idade fetal, seja no sexo da criança, as opiniões dentro da Igreja se dividiram com base nos preceitos religiosos: de um lado estavam os escritos de Saint Antoin, François de Genet (Teologia moral de Grenoble) e Saint Thomas, que apontavam contra o aborto; do outro lado, os preceitos do Cardinal de



Lugo, Silvius e Joan Cabaffutius que flexibilizavam a discussão, sendo favoráveis às intervenções.



Imagem de batismo após *suscitation*.  
Segunda metade do século XIX (Coleção Jacques Gélis)

O pensamento de Cabaffutius era progressista para a época, favorecendo a palavra da mãe sobre o assunto do tempo da alma e o feto. Em outras palavras, abria-se a possibilidade de a mulher escapar ou burlar a condenação, caso ela fosse capaz de argüir, de acordo com os preceitos, na sua defesa. Se essa mulher, porém, hesitasse por um segundo (sexo e idade fetal), recomendava-se negar-lhe o direito à medicina ou ao recurso do sacrifício do conceito. Que dura situação era posta para uma parturiente!

Quarenta anos antes desse processo condenatório, o ritual do batismo intra-útero tinha caráter diferente. O parteiro Mauriceau (1637-1709) inventara uma seringa batismal intra-útero, com a intenção de praticar o batismo antes de extrair as crianças com a técnica da embriotomia. Tudo leva

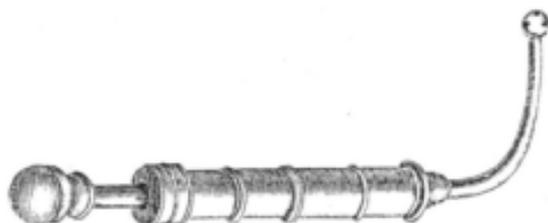


Cirurgião-parteiro François Mauriceau (1637-1709)

a crer que, na época, havia uma crença popular muito forte que associava o mal-estar da mãe à monstruosidade da criança. As idéias do olhar da mãe sobre certos objetos também influenciavam diretamente na forma e no espírito dos bebês. Nesses casos, a cultura popular indicava o sacrifício da criança, no útero. O instrumento batismal de Mauriceau permitiria salvar a alma da criança e, sobretudo, a vida da mãe, antes de praticar o seu sacrifício no seio materno.<sup>35</sup> Provavelmente essa modalidade de batismo e as críticas de Mauriceau, embora fossem a favor da vida da mãe, alertavam a Igreja para essas crenças.

<sup>35</sup> François Mauriceau diz, ao publicar seu primeiro livro, *Traité des maladies des femmes grosses*, um verso de Fr. Dulaurens: "Mães, cessem de apelar à impotência de Luciane, de pedir à deusa sua assistência em vossos partos. Mulheres grávidas, vejam aqui um livro que ajudará melhor; siga-o, é pela saúde da mãe e da criança." (WITKOWSKI, G.J. *Accoucheurs et sages-femmes célèbres*, p. 95.) Fernando Magalhães diz que "até o século XVIII, a embriotomia ao vivo despertava muito mais repulsa do que daí até quase os nossos dias. Os parteiros, homens de poucos recursos, tinham grande crença religiosa, que lhes proibia formalmente o feticídio". (A lição. A operação cesariana abdominal. *Clínica Obstétrica* n. 12, p. 345.)





Seringa de batismo.

Pelo sim, pelo não, essa modalidade de batismo também foi sendo condenada pela Igreja por volta de 1741. Na seção Batismo do referido documento *Dictionnaire de cas de conscience*, a prática batismal (*intra uteris*) era claramente condenada. A Igreja Católica foi cercando todas as circunstâncias em que as embriotomias eram justificadas.

Tudo indica que, nos territórios sob a influência do catolicismo, a prática embriotômica foi condenada; em compensação, passou-se a praticar, com menos remorso, a cesariana (primeiro, após a morte da mãe; depois, em vida). Contrariamente a essa disposição, nos territórios ocupados pelos protestantes, as embriotomias continuaram a ser realizadas, condenando-se as cesarianas.

Filippine explora a hipótese de que a Igreja Católica,<sup>36</sup> impondo limitações à prática das embriotomias, cometia dupla violência contra a mulher: primeiro, porque as obrigava a guardar durante todo o período da gravidez uma criança que as expunha à morte; segundo, porque, caso a mulher sobrevivesse a uma gravidez de risco, na hora do parto sua morte era certa. A crueldade extrema era solicitar-lhes a permissão de realizar um batismo, mesmo antes de terem

<sup>36</sup> FILIPPINE, Nadia M. *La naissance 'extraordinaire'*. La mère, l'enfant, le pretre, le medecin face à l'operation césarienne. (Italie XVIII<sup>ème</sup>-XIX<sup>ème</sup> siècles). Jacques Gélis, Luisa Accati e Michelle Perrot foram membros da bancada examinadora.



Braço do *crochet* de Smellie utilizado na extração da cabeça do bebê deixada no útero.

expirado, com a promessa de que ambos poderiam sobreviver. O fracasso da cesariana após a morte da mãe mostrava que a abertura dos corpos das parturientes logo imediatamente após a morte não redundava, necessariamente, em vida para a criança. Isso, já sabido pelos estudos médicos da época, fez Filippine cogitar a prática do sacrifício materno, ou seja, a prática da cesariana em vida!

Quem eram as mulheres que estavam com problemas de *saúde* no parto?

A autora relata que, nesse contexto, apontava-se para as mulheres pobres, miseráveis, ditas com seqüelas não só na saúde, como também na estrutura físico-anatômica. Concretamente: incapacitadas para trabalhar e para reproduzir. Como se, com essa condenação, se acenasse para a condenação da sexualidade por elas praticadas, sendo um ser tão disforme.

A tese de Filippine, com esse olhar, aponta criticamente para as abordagens de uma “nova sensibilidade moderna na hora do nascimento”, contrapondo a esta a hipótese do surgimento simultâneo de uma “nova deontologia obstétrica”. Uma nova ética otimizou a vida da criança, em detrimento da vida da mãe. Tudo indica que a dor de praticar uma embriotomia intra-útero foi maior que a dor de abrir uma mulher em vida, segundo a autora.

No século XIX, temos o momento histórico, já às claras, da prática da “cesariana em vida”. A inoperância dos instrumentos cortantes, a pouca destreza do parteiro,



a ausência de suturas após as operações, a falta da anestesia, tal como conhecemos hoje, bem como a abertura dos corpos por mãos contaminadas por bactérias de outras enfermidades, estão no centro das explicações sobre as mutilações e mortes maternas. Na verdade, o quadro caótico de escândalos de mortes por causas puerperais reflete as conseqüências daquela deontologia em marcha. A prática da cesariana em vida teve sucesso precário só no final daquele século.<sup>37</sup>



Foto de mulher cesarianizada no século XIX na exposição L'Heureux Événement, realizada em Paris – 1995 (Coleção privada de Anayansi Brenes)

Como ressalta Filippine, é como se a deontologia obstétrica tivesse realmente nascido naquele momento histórico, autônoma à cirurgia, juntamente com certo deslocamento de setores da Igreja para os portadores do discurso científico.

O preconceito religioso, último obstáculo para a implantação da disciplina científica, começava a ser abalado,

<sup>37</sup> Quando o italiano Dr. Eduardo Porro (1853-1903) desenvolveu a técnica da amputação supracerivical do útero nas cesarianas.

pois a moral sexual que impedia os homens de realizar os partos já vinha sendo modificada por ocasião da entrada dos parteiros na Corte, a partir de Luís XIV.<sup>38</sup>

Na seção “Baptême”, do referido documento *Dictionnaire de cas de conscience*,<sup>39</sup> já aparecia a desconfiança da Igreja sobre o batismo realizado pelas parteiras. Com a rigorosa aplicação do sacramento, poder-se-ia abrir caminho para o desenvolvimento cirúrgico da cesariana em vida.

Na aceitação ou recusa do sacramento, estaria em jogo não apenas um sacramento, mas a paz espiritual da família, pois a recusa envolvia o destino da alma dos recém-nascidos.<sup>40</sup>

Os critérios para anulação do sacramento praticado pelas parteiras passaram a ser muito sofisticados,<sup>41</sup> como se verifica em alguns exemplos:

- **Caso X:** relata-se que uma parteira, de nome Clotilde, habitante de um vilarejo, mal instruída na forma de aplicar o sacramento, batizou uma criança dizendo, por ignorância, *in nomine matris* em vez de *in nomine patris*. Por causa desse detalhe, perguntava-se: *Este batismo é válido?* Segundo os preceitos de Santo Tomás, era considerado nulo, porque essa mudança destruía absolutamente “o sentido católico da forma do sacramento”.

<sup>38</sup> Todos os dicionários históricos da medicina contam que Luís XIV chamou o cirurgião Clemente para fazer o parto de sua amante, M<sup>me</sup> Vallerie.

<sup>39</sup> Dictionnaire de cas de conscience (A-D) ou décisions de plus considerables difficultés touchant la morale & la discipline ecclesiastique: tirées de l'écriture, des conciles, des peres, des decretes. Paris: Chez le Mercier & Boudet, MDCCXXI (1741) tome premier. Bibliothèque Archives Nationales de Paris.

<sup>40</sup> FILIPPINE, N. M. *La naissance*, p. 447-465; em particular cita a obra de CANGIAMILA, F.E. *Embriologia sacra, ovvero dell'uffizio de' sacerdoti, medici e superiori circa l'eterna salute de' bambini racchiusi nell'utero*. Paleme, F. Valenza, 1745, “al lettore” apud FILIPPINE, N. M., p. 168, como o ponto de ruptura na Igreja. Esta obra foi traduzida para o português em 1791-1792.

<sup>41</sup> Dictionnaire de Cas de Conscience (A-D), Seção Batismo.



- **Caso XII:** para uma criança antes de expirar, a parteira pronuncia de forma tal que “em nome do pai” não se escuta muito bem. Nesse caso, o batismo foi anulado, pois entendeu-se que a parteira realizou um ato que não se compreendia, conforme previsto por Santo Agostinho.

- **Caso XVI:** a criança foi batizada *intra-útero*. O batismo foi anulado, pois tinham-se dúvidas se a água teria sido colocada no lugar da razão ou na cabeça da criança.

- **Caso XVII:** uma parteira, de nome Pomponir, batizou uma criança que não morreu no mesmo instante da morte da mãe. Sendo um parto difícil, a parteira havia batizado a criança pelo pé, parte que, segundo o relato, apareceu após a morte materna. A resposta foi: “Se batizou somente o pé, não é válido. A validade do batismo, já prevista por Saint Thomas, limitava-se aos realizados na cabeça, lugar do julgamento e da razão, antes de morrer”.

Paralelamente ao movimento da Igreja Católica em favor da cesariana, certa política demográfica, voltada para o aumento populacional, começava a ser posta em prática pelo Estado francês.<sup>42</sup>

## 2.1 A difícil entrada dos homens no parto

O processo de ocupação dos homens no parto é explicado pela entrada de Julien Clement (morreu em 1729) ao parto de Mme. Lavalliere, amante do rei Luís XIV. No entanto, é necessário que se diga que, além desse parteiro, outros dois grandes cirurgiões do reino se associaram ao

<sup>42</sup> GÉLIS, J. *La sage-femme...* Veja-se II parte: Une approche nouvelle de la population, p. 63-107.



empreendimento real: Nicolas Puzos (1686/1753),<sup>43</sup> discípulo de Julien Clement, e Felix de Tassy, Ch. F. (morreu em 1703), filho do primeiro cirurgião do rei.



Parteiro realizando parto. Figura 85 do livro de G. J. Witkowski: *Accoucheurs et sages-femmes célèbres*. Paris, 1880

<sup>43</sup> Puzos começa a veicular as idéias da “perfuração das membranas” como mecanismo de acelerar o parto, prática que aparece numa memória intitulada *Sur les Pertes de Sang qui surviennent aux femmes grosses*. Segundo ele, romper as membranas aceleraria o parto e, dessa maneira, conter-se-ia o excesso do “tocar as partes”, espécie de “bússola” com a qual começavam a navegar os parteiros no atendimento, mas que se tinha tornado controversa, pois era realizada em excesso pelos cirurgiões na época.



Pouco se sabe do que juntos arquitetaram, mas, logo depois da admissão das parteiras na confraria cirúrgica, François Felix obteve, em 1667, a derrogação definitiva, por parte do rei, do decreto que impedia os homens de exercer a arte de partejar.<sup>44</sup>

Luís XIV nomeou Felix de Tassy, seu amigo pessoal, para o cargo de Ministro (*prévot*), na comunidade Cosme e Damião, bem como ocupou o lugar de primeiro cirurgião do rei, após a morte de seu pai (François Félix de Tassy).<sup>45</sup> O lugar de ministro lhe conferia o direito de participar dos exames das candidatas a parteira e, com isso, traçar seu perfil profissional. Um triunfo, sem dúvida, que possibilitava uma escolha de profissionais mais *adequadas* aos interesses da embrionária corporação de parteiros.

Nicolas Puzo era membro e presidente da recém-criada academia de cirurgia. A morte de Le Petit o fez ascender ao cargo de censor real, que representou um lugar privilegiado de execução dos projetos demográficos que começavam a ser desenhados por todo o território da França.

Como bem aponta Gélis, as condições iniciais de ocupação da prática do atendimento ao parto, por parte dos cirurgiões-parteiros, não foi das mais favoráveis para a época, pois o nível de qualificação e de prática obstétrica que tinham os colocava numa posição inferior ao socorro que era prestado pelas parteiras.<sup>46</sup> Por isso, seu acompanhamento para intervir nos *partos contra a natureza* redundou numa porta de entrada à observação e à prática obstétrica. Uma grande vitória, na certa.

<sup>44</sup> Em 1670, o Dr. Pierre Chamberlen III visita Paris, trazendo o fórceps dentro de sua bagagem. Atribui-se a sua invenção a essa família. (WITKOWSKI, G J *Accoucheurs...*, p. 123.)

<sup>45</sup> DIDOT FRÈRE, M. Firmin. *Nouvelle biographie générale depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours*, sous la direction de M. le Dr. Hoefer, Paris: Firmin Didot Frères, MDCCCLVIII (1858).

<sup>46</sup> GÉLIS, J. *La sage-femme*, p. 42-45.



### 2.1.1 A generalização de uma arte relativa às mulheres: a decisão histórica de Mme. Du Coudray, 1759-1783<sup>47</sup>

Em meados do século XVIII, na gestão de Luís XV, favoreceu-se a generalização da prática do parto por meio do curso itinerante de Mme. Angélique Marguerite Lebousier Du Coudray. Grande parteira, nascida em Clermont-Freand, em 1712, tinha obtido seu grau profissional na corporação Cosme e Damião, em 26 de setembro de 1739. Depois de 16 anos de sucesso em Paris, atendendo a um apelo real, iniciou o curso de obstetrícia, que propiciou a generalização do atendimento ao parto a todos os cirurgiões do reino que quisessem instruir-se na arte.



Máquina criada para demonstração do parto por Mme. Du Coudray, por volta de 1760.

<sup>47</sup> Não existe um estudo pormenorizado sobre a vida dessa parteira. J. Gélis (1988) resgata em profundidade os cursos que deu ao longo da França. Coulon-Arpin, M (1982) também resgata boa parte dessa trajetória de cursos. Outros fragmentos sobre a sua importância como parteira podem ser encontrados em Joël Constance. (*Les filles d'esculape. Les femmes à la conquête du pouvoir medical. Paris: Robert Laffont, 1988.*)



No início, o curso teve apoio político e financeiro direto do Estado, sendo, depois, sustentado pelas próprias localidades do reino.

Coulon-Arpin registra que, em 19 de outubro de 1759, o rei autorizou oficialmente que Mme. Du Coudray continuasse a instruir e formar por todo o reino, com a ajuda de uma máquina por ela inventada, a arte dos partos. Nesse *brevêt*, o rei deu plenos poderes à parteira e ao seu projeto de ensino; além do rei, assinaram o documento o Ministro do Interior e o Secretário do Estado.<sup>48</sup> Nos 25 anos em que percorreu toda a França, ela ministrou cerca de 60 cursos em mais de 50 localidades.<sup>49</sup> Durante esses 25 anos, inúmeras circulares foram enviadas, pelo reino, para curas, delegados, magistrados, alertando-os sobre os benefícios que o curso proporcionaria à população.



## A B R É G É

DE L'ART

### DES ACCOUCHEMENTS,

DANS lequel on donne les préceptes nécessaires pour le mettre heureusement en pratique, & auquel on a joint plusieurs Observations intéressantes sur des cas singuliers.

OUVRAGE rédigé avec les jeunes Sages-femmes, & généralement à tous les Ecrivains en cet Art, qui défendent d'y rendre justice.

### NOUVELLE EDITION,

Plusieurs fois, avec Figures gravées en cuivre dans le bois, et coloriées.

PAR Madame LE BOURSIER DU COUDRAY, Maître-ès-Sage-femme de Paris, profession de & enseignée par le Roi pour enlever à pratiquer l'Art des Accouchements dans tout le Royaume.

Le Prix est de sept livres quatre sols, relié.



A PARIS,

Chez DESURE, Perru, Libraire, Quai des Augustins, au coin de la rue Gîrle-Cœur, Maison du Nizac.

M. DCC. LXXXVII.

Avec Approbation & Privilège du Roi.

*Abrégé de l'art des accouchements*, obra publicada por Mme. Du Coudray em 1777. (Coleção privada de Anayansi Brenes.)

<sup>48</sup> COULON-ARPIN, M. *La maternité...*, v. 2, p. 19.

<sup>49</sup> CONSTANCE, Joel. *Les filles d'esculape*, p. 84.

Todos os intendentess do reino deviam prestar-lhe assistência e escolta, a fim de que não fosse incomodada em sua missão, bem como ajudá-la a organizar os cursos. Algumas das províncias escolhidas pelo rei foram financiadas em sua totalidade pelos cofres do Estado, como em Auvergne, em que o rei pagou o custo da estada e a viagem dos alunos. Segundo Coulon-Arpin, tudo indica que, mesmo assim, poucas pessoas se matricularam.

Em outras comunidades, como Bourbonnais e Moulin, Mme. Du Coudray tentou formar o maior número possível de alunas, alegando a necessidade extrema do local. Em Moulin, tentou instruir de 80 a 100 mulheres, no período de três meses.<sup>50</sup>

A idéia de formar mulheres que não tinham tido filhos, jovens em sua maioria, não representava o consenso da comunidade. Toda mulher que se prestasse a esse tipo de formação, pela própria condição social da mulher daquele tempo, era vista com desconfiança.

Tanto Gélis quanto Coulon-Arpin deduzem que a procedência da maioria das alunas era do campesinato pobre,<sup>51</sup> o nível de instrução às raias do analfabetismo.

Todas as mulheres que não possuam disposições legais; entre estas encontram-se algumas desprovidas de toda inteligência; sendo devolvidas após alguns dias de exames: Encontramos outras que, tendo já uma noção do ofício, ou uma atitude marcada para atuar neste, formam sujeitos excelentes, capazes de resolver, por elas mesma, os casos mais graves.

Para a época, foram criadas algumas premiações com o intuito de estimulá-las nos estudos e elevar-lhes o nível

<sup>50</sup> COULON ARPIN, M. *La maternité...*, v. 2, p. 21.

<sup>51</sup> COULON ARPIN, M. *La maternité...*, v. 2, p. 34. J Gélis (*La sage-femme*, p. 121) deduz a quantidade de cinco mil parteiras formadas nesses cursos.

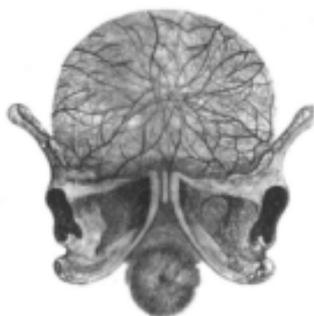


profissional. A carta que obtiveram para o exercício profissional as facultava a intervir ou mesmo interditar a prática de quem não tivesse passado por aquela formação.

Outro aspecto importante que o curso itinerante propiciou foi o aprendizado, ao vivo, em mulheres; para tal, pagavam-se pequenas somas de dinheiro para todas aquelas que, grávidas, se habilitassem à observação.



Criança nascendo atravessada na bacia. In: DU COUDRAY. *L'abrégé...*, p. 120-121.



Quarto grau de dilatação do útero. In: DU COUDRAY. *L'abrégé...*, p. 100-101.

Mme. Du Coudray não só ensinou o atendimento aos partos naturais aos cirurgiões, como, segundo consta no certificado dos cirurgiões da comunidade de Rochefort, datado de 30 de abril de 1766, ela os instrumentalizou cirurgicamente. Em partos simples e complicados, ensinou-os a extrair crianças por meio dos instrumentos nos vícios de conformação da bacia, bem como fazer a operação cesariana; nos casos de crianças com problemas, a fazer a punção de nome “paracentese”; e na cabeça, nos casos de hidrocefalia. Também os ensinou a controlar as hemorragias pré e pós-parto, a identificar gravidez, enfim, todas as enfermidades relativas às mulheres, até o câncer no útero.



O Mapa do Curso de Partos Itinerantes dado por Mme. Du Coudray (1759-1783). In: GELIS, J. *La sage-femme...*, p. 120.

Segundo Coulon-Arpin, convencidos de seu brilhantismo, firmaram o certificado dez cirurgiões da localidade de Rochefort.<sup>52</sup>

<sup>52</sup> COULON-ARPIN, M. *La maternité*, nota. 15, v. 2, p. 57.

Madame Du Coudray passou a ser considerada, pelo Estado, a primeira professora da arte na França.<sup>53</sup> Por isso,



Útero aberto para visualizar a placenta colada. In: DU COUDRAY. L'abrégé... p. 138-139



Identificação de duas pernas nascendo simultaneamente. In: DU COUDRAY. L'abrégé... p. 128-129



em 18 de agosto de 1767, ela foi oficialmente reconhecida como professora de obstetrícia em todo o reino, com uma gratificação anual de oito mil libras pagas pelo tesouro real, e uma espécie de aposentadoria pelo resto de sua vida.<sup>54</sup>

Esses cursos formaram mais de três mil alunos, entre parteiras e cirurgiões. Muitos dos alunos parteiros de Mme. Du Coudray compraram os recursos didáticos que ela havia inventado, utilizando-os depois para treinar matronas em distantes vilarejos. Em cada lugar por onde passou, deixou um cirurgião como seu representante, que, por sua vez, se tornou *demonstrateur*, espécie de professor da arte.

Mme. Le Boursier-Contenceau, sobrinha de Mme. Du Coudray, sonhou, no final do século XVIII, com a possibilidade

<sup>53</sup> GÉLIS, J. *La sage-femme*; CONSTANCE, Joel. *Les filles...*, p. 118-123.

<sup>54</sup> COULON-ARPIN, M. *La maternité...*, v. 2, p. 26.

de abrir uma escola de obstetrícia, associada a um hospício de mulheres. E, assim, ambas (tia e sobrinha) tentaram abrir em Bordeaux “uma espécie de hospício para receber as mulheres e as jovens grávidas e para ensinar a prática dos partos,”<sup>55</sup> no entanto, os cirurgiões começaram a se opor ao projeto.

A partir de 1786, os cursos gratuitos de obstetrícia tinham desaparecido. Havia alguns esparsos, mas organizados pela iniciativa privada dos cirurgiões.

Esse era o quadro mais exato da arte às vésperas da Revolução Francesa.

### *2.1.2 A idéia controvertida de uma “nova parteira” na ciência*

As parteiras formadas por Mme. Du Coudray, desde seu início, foram treinadas para só atender a partos naturais e para reconhecer os sinais de partos mais trabalhosos, devendo, nesse caso, pedir socorro ao cirurgião-parteiro.

Embora tudo leve a acreditar que a divisão do trabalho que se foi estabelecendo entre ambos os profissionais – parteiro e parteira – tenha propiciado as bases do modelo que vingou no final do século XIX, existem muitas dúvidas a respeito.

A fronteira profissional entre ambos, marcada pelo recorte do saber do campo natural e “laborioso”, era muito controversa, dadas as limitações da ciência no período. Então, como construir a fronteira de atuação de cada um desses dois profissionais? O que seria natural? O que seria laborioso? O discurso anatomopatológico só foi capaz de olhar para o exterior e, a partir daí, deduzir suas seqüelas. O discurso das bacias, ditas “estreitas”, reconduzia o olhar do profissional para as seqüelas do parto.

<sup>55</sup> COULON-ARPIN, M. *La maternité...*, v. 2, p. 33.



Quem era a mulher de bacia estreita? De deformações ósseas?

Como mostra Funch,<sup>56</sup> as condições de vida expressas no corpo de mulheres miseráveis de Paris, famintas, raquíticas, eram precárias. Os duros invernos do século XIX, naquelas habitações úmidas e frias, contribuíam não só para agravar as deformações corporais, como para aumentar-lhes as dores.



Ossada de bacias de mulheres fotografadas no abandonado Museu de Baudeloque, Paris, 1995. (Coleção privada de Anayansi Brenes.)



<sup>56</sup> FUNCH, R. *Pobres e grávidas em Paris: estratégias de sobrevivência no século XIX*. Cap. 1: Pobre e grávida, p. 11-34.

Por isso, ter uma formação óssea sadia e dar à luz em parto natural devia ser um desafio para a época. Estudos<sup>57</sup> ligados à questão populacional do período mostram que a estatura média do povo francês, parisiense em particular, era baixa, comparada com a de hoje. Cabe, então, uma prudente questão para os estudos científicos daquele tempo: como construir uma fronteira de saber separando a constituição biológica humana das anomalias das francesas (pobres e miseráveis)?

Tudo indica que uma das reclamações dos cirurgiões era contra as parteiras mais velhas na arte. Elas contrariavam o princípio de chamar o cirurgião-parteiro nos casos contra a natureza, insistindo no atendimento ao parto natural, até o esgotamento das forças da parturiente, “submetendo-as a todo tipo de acrobacias”, dizia-se.<sup>58</sup> Quando da chamada do cirurgião, o desgaste da parturiente colocava o parteiro numa posição delicada aos olhos da família, em relação aos riscos no parto e à sua imagem como parteiro.

Mme. Du Coudray, ao instruir muitos cirurgiões na arte dos partos laboriosos, igualou a relação de força entre ambos os profissionais, cirurgiões e parteiras. A divisão de trabalho na prática era inoperante. Aos poucos, a subordinação feminina aos homens da arte foi sendo sentida nas penalidades legais que recaíam sobre as parteiras, caso fizessem uso dos instrumentos cortantes.<sup>59</sup>

Por isso, sob a ótica da população, como aponta Gélis,<sup>60</sup> as histórias de *resoluções favoráveis*, de partos dramáticos

<sup>57</sup> Cf., em particular, LEBRUN, F. *Les hommes et la mort en Anjou aux 17<sup>ème</sup> et 18<sup>ème</sup> siècles*. Essai de démographie et de psychologie historiques. Paris-La Haye, Mouton, 1971.

<sup>58</sup> A crítica às parteiras tradicionais aparece em toda a bibliografia parisiense do século XIX escrita por historiadores médicos.

<sup>59</sup> Cf. as legislações no campo da saúde, anexas por COULON-ARPIN, M. *La maternité...*, v. 2. Veja-se também o trabalho de TABET, P. *Les mains, les outils, les armes, l'homme*. XIX, 3-4 (Les catégories de sexe en anthropologie sociale), p. 5-61.

<sup>60</sup> GÉLIS, J. Entrevista em France culture, out. 1995. Arquivo oral.



realizados pelos parteiros com o uso de instrumentos cortantes contribuíram para que a sociedade em geral os aceitasse nessa forma de atendimento.<sup>61</sup>

O perfil da nova parteira que se almejava era, no mínimo, contraditório: uma profissional que acreditasse na ciência e implementasse seus princípios disciplinadores na sociedade que se projetava, mas, ao mesmo tempo, limitada em suas funções profissionais, a cada passo dado na transformação da arte em ciência.



---

<sup>61</sup> GÉLIS, J. *La sage-femme ...*, p. 308-309.

### 3 O CAMINHAR DE UMA ARTE PARA CIÊNCIA: A INVENÇÃO DA CESARIANA EM VIDA

Embora a técnica operatória cesariana começasse a ganhar adeptos dispostos a transformá-la nas suas complicações operatórias, ainda na passagem do século XVIII para o XIX não se tinha avançado um passo à frente das idéias Rousset.<sup>62</sup>

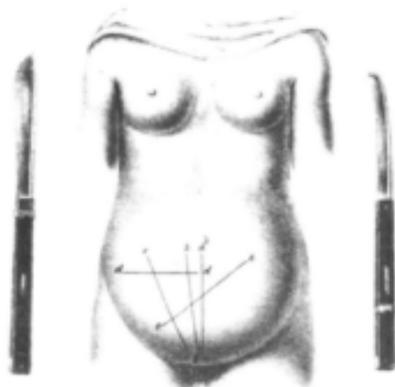
François Rousset, desde o século XVI, teria sido, segundo Filippine, o grande mentor da história da cesariana em vida. No início daquele século, surgia certa bibliografia médica contando histórias de cesarianas bem-sucedidas. Não se tratava de milagres, mas de histórias excepcionais, cujas testemunhas eram cirurgiões, barbeiros e até veterinários no dito ato cirúrgico. O autor aponta para o fato do nascimento, no domínio científico, de “certo imaginário sobre a cesariana em vida e simultaneamente o começo de uma aspiração querendo salvar a mãe e o bebê”.

Rousset publicou sua obra em 1581, apontada como o documento que inaugura a *cesariana teórica em vida*. Saído da Universidade de Montpellier, Rousset se instalou em Paris, em 1535, e se tornou médico do rei. Sua obra foi traduzida também aqui e suas idéias agitaram

<sup>62</sup> Veja-se FILIPPINE, N. M. *La naissance extraordinaire...*, p. 78-106. Rousset Françoise foi o autor de *Traité nouveau de l'hystérotomie ou enfentement caesarien qui est extraction de l'enfant par incision laterale du ventre et matrice de la femme grosse ne pouvant autrement accoucher et sans prejudicier à la vie de l'un ny de l'autre, ny empescher la faecondité par après*. Paris, Denys du Val, 1581 *apud* FILIPPINE, N. M. *La naissance 'extraordinaire'...*, p. 98.



cirurgiões famosos da época, como A. Paré. A todo momento, em sua teoria, frisava que a cirurgia não afetaria a fecundação da mulher.



KUHN, Walter; TRÖHLER, Ulrich (Hg.). *Armamentarium obstetricium Göttingense*, 1987. Figura 95, p. 126.

A ilustração mostra os traços de inserção correntes para a cesariana, assim como os bisturis necessários à intervenção.





KUHN, Walter; TRÖHLER, Ulrich (Hg.). *Armamentarium obstetricum  
Göttingense*, 1987. Figura 96, p. 127.

Extração da criança e, em seguida, a limpeza do  
corte no final da operação.

Filippine também atribuiu a mudança de cesariana pós-morte para cesariana em vida à otimização feita por M. Simon,<sup>63</sup> membro da Academia Real de Cirurgia e demonstrador do Colégio de Cirurgia de Paris, que, em 1743, publicou o artigo “Pesquisa sobre a operação cesariana”. Ele retomou não só de maneira histórica a evolução dessa intervenção, desde Rousset,

<sup>63</sup> FILIPPINE, N. M. *La naissance extraordinaire...* p. 277-281.

como também construiu um quadro sobre todas as intervenções *práticas* realizadas em dois séculos, evidenciando 64 mulheres operadas com um saldo positivo de 38 sobreviventes. Dessa maneira, segundo Filippine, M. Simon foi “o primeiro a fazer a passagem da otimização teórica para a prática, dentro do seio científico”.

André Levret,<sup>64</sup> um dos seguidores das idéias cesaristas de Simon, na passagem do século XVIII para o XIX, tinha transformado um barbeador em um bisturi e indicado a operação nos casos de vícios de conformação de bacias estreitas. À sua voz, outras vozes foram-se somando e fazendo observações sobre situações de intervenção.

Filippine, porém, explica por que a passagem para esse tipo de cesariana não poderia ser linear.

Abrir um cadáver é uma coisa, operar uma pessoa viva é uma outra coisa [...]. Trata-se com efeito, de um nascimento ‘contra a natureza’, de um nascimento extraordinário [...] uma mudança política cultural era necessária a qual redefiniria a fronteira entre a ciência e a ação humana.<sup>65</sup>

Era necessária uma transformação deontológica profissional de base, respaldada por uma revolução cultural no mundo do nascimento.<sup>66</sup>

<sup>64</sup> LEVRET, André (1703-1780), segundo Witkowski, G. J. (*Accoucheurs...*, p. 144; 147). Levret é considerado o mais célebre dos parteiros do seu século. Sua obra sempre se endereçou ao aprimoramento dos instrumentos do parto. Witkowski coloca nas entrelinhas que A. Leroy disputou o título com Levret exatamente porque pleiteou a introdução da pesquisa clínica no parto. Perspectiva que abandonara posteriormente, diante da derrota da sua proposta de Escola Obstétrica para homens, durante a Revolução.

<sup>65</sup> WITKOWSKI, G.J. *Accoucheurs e ...*, p. 281-282.

<sup>66</sup> *A natureza que cria e conserva o mundo quereria punir uma mulher fecundada por ter cumprido seu voto eterno, pagando seu tributo à maternidade? Eu não posso pensar dessa maneira.* (SACCOMBE, J. F. *La luciniade du docteur Saccombe*, p. 41.)



Na corporação médica, também, as opiniões sobre a transformação da arte em ciência se dividiam. Cabia aqui a obstetrícia como disciplina científica ou não? Caso se acenasse afirmativamente, surgiam interrogações. Quais seriam as suas regularidades científicas? Como definir o parto como objeto científico? Havia ciência naquele fenômeno ou não? Por outro lado, como abrir o terreno da observação e da pesquisa daquele corpo num mundo separado entre homens e mulheres? Como introduzir os homens num momento tão delicado, quando as partes mais *íntimas* das mulheres são expostas? Como tocar, como medir, como pesar, enfim, como quantificar aquele fenômeno em observação sem ofender o “pudor” e a “moral de uma época”? Como superar a interdição eclesiástica do pudor?



Pintura de Marc Chagall: *La naissance* (1910). Ritual judeu-russo-agrário. O marido fica escondido e à espreita do nascimento do filho. Exposição Museu d' Art – Paris, 1995.

J.L. Baudelocque e A. Leroy resolveram enfrentar os desafios de sua época para descortinar a natureza do parto. Tudo parecia caminhar de acordo com a discrição, inclusive

histórica, até que um cidadão de nome J. F. Saccombe resolveu se aventurar nesse empreendimento, principalmente no caminho de Baudelocque.

A polêmica histórica entre J. L. Baudelocque e J. F. Saccombe iniciou-se com o lançamento do livro *Médecine et chirurgie des accouchemens*,<sup>67</sup> no qual o Dr. Saccombe comunicava que abriria o 21º curso teórico e prático de partos, *Le premier germinal de l'an VII*, às 7 horas precisas da noite, na Rua Gitle-Coeur n° 15, em frente à L'hirondelle.



J.-L. Baudelocque (17)

Jean Louis Baudelocque, 1746-1810

Esse curso pertencia a uma escola por ele denominada *L'École Anti-Césarienne*, aberta ao público em geral, com a intenção de formar discípulos a favor das doutrinas “naturalistas”. Era gratuito para uns e pago (30 FF) para outros; havia duas medalhas de mérito aos melhores alunos da turma. Nas aulas, havia 3 das 14 propostas que se direcionavam para um estudo crítico da cesariana e afins. Os seus tópicos principais eram:

- a impossibilidade física do sucesso da operação cesariana numa mulher grávida viva e nas fêmeas animais durante a gestação;
- a falsidade dos milagres da cesária desde Gaspar Bauhin, de Bâte, ano 1500, até aqueles citados por Bacqua, cirurgião em Nantes, no ano VI da República Francesa;
- os pequenos malabarismos sobre o parto sendo desmascarados, etc.

<sup>67</sup> Côté 90.958, v., 295, n. 19. BIUM-Odeón.



Em 1792-1793, o Dr. Saccombe publicou uma obra intitulada *Recherches et réflexions sur l'opération césarienne, etc.*,<sup>68</sup> que foi embargada pela Société de Médecine de Paris, na época presidida por J. L. Baudelocque. Saccombe, em sua obra, ia mais longe, denunciando “os crimes” cometidos por A. Dubois e J. L. Baudelocque.

A denúncia ganhou ares de escândalo público com a liberdade de imprensa implementada no período da Revolução Francesa. Nesse momento, Saccombe opõe a *prática e a experimentação contra a velha rotina médica*. Ele acusou Baudelocque da morte de Mme. Tardieu,<sup>69</sup> que, junto com a criança, havia morrido quando da realização de uma cefalotripsia intra-útero, fazendo uso de instrumentos cortantes. As críticas de Saccombe se estendiam até o uso indiscriminado do fórceps, que fazia o famoso parteiro parisiense sobre a cabeça das crianças a termo.



Jean Saccombe, 1760-1822

Associada à denúncia da morte de Mme. Tardieu, Saccombe fazia uma dura crítica à Escola de Medicina de Paris por permitir tais atrocidades. Quais eram as bases científicas

<sup>68</sup> SACCOMBE, J.F. *La luciniade française*, v. 3, cote 40.530. BIUM-Odeón, v. I.

<sup>69</sup> J. L. Baudelocque, ao realizar o parto dessa senhora no hospício da maternidade, destacou a cabeça do tronco do bebê. A dama, angustiada pela demora, perguntou se se tratava de um parto de gêmeos, ao que Baudelocque teria respondido, rispidamente, que não era bem isto e que o corpo tinha ficado dentro enquanto a cabeça tinha ficado de fora. A dama desmaiou e o parteiro A. Dubois terminou a operação, pois Baudelocque, exausto, abandonou a paciente.

que sustentavam a realização de uma prática mutiladora e bárbara? – perguntava. Nenhuma. Não se justifica! Saccombe foi derrotado em juízo: foi encarcerado na ditadura de Maximiliano e condenado como caluniador no período napoleônico,<sup>70</sup> embora o júri o tivesse absolvido.

Os discursos inflamados de ambos em juízo trouxeram à cena duas correntes científicas da época, que pleiteavam a liderança na formação do profissional no atendimento ao parto: a corrente expectante *versus* a corrente artificial.<sup>71</sup> Saccombe teria sido influenciado pela primeira, quando da sua estada na Inglaterra.

Os argumentos dos defensores da corrente expectante, tendo como base a observação, defendiam que não existiam bacias com problemas que, na hora do parto, não se curassem ao movimento “rotativo” da natureza.<sup>72</sup>

Saccombe apontava que a elevada estatística de morte de recém-nascidos não era provocada pela intervenção das parteiras como se dizia, mas era provocada pela água fria do batismo. Tendo praticado uma autópsia após a morte de um



<sup>70</sup> Saccombe consegue fugir da França e volta no momento da restauração (1815); Saccombe se proclama leal ao rei S. M. Louis e reclama justiça, retomando o caso com J. L. Baudelocque, embora este já tivesse morrido, ao que tudo indica, de maneira trágica, em 1810.

<sup>71</sup> O confronto entre ambas as correntes era, no início, muito forte. Depois, tudo indica que foi-se fazendo uma aliança, encontrando um ponto em comum de prática médica “prudente” presente na base ideológica da prática obstétrica, até hoje. “Espera-se, mas caso o processo comece a complicar-se, pratica-se a intervenção cirúrgica.” O ponto da prudência até hoje é controvertido.

<sup>72</sup> Imagem que Saccombe associa à “colbute” ou cambalhota aos sete meses de gravidez. Essa idéia fazia parte da cultura popular que apontava para esse fato como um aviso de acomodação da criança para nascer *Les pied en haute, la tête en bas, après sa chute?* dizia. (SACCOMBE, J. F. *Lucine française*. v. 1, p. 36). Nessa obra, Saccombe se diz porta-voz das Luciniades, lenda que aponta para as sete fadas que se encontram em todos os partos. Segundo essa lenda, a presença dos homens no parto, afasta-as colocando em risco a vida de mãe e filho.

recém-nascido, morto imediatamente após o batismo, ele percebeu *uma ligeira obstrução dos vasos do cérebro, efeito natural da causa que a produz*. Com tal explicação, Saccombe relacionou as delicadas fibras dos recém-nascidos aos nervos que estão no cérebro. Na cerimônia eclesiástica, quando o padre derrama a água-benta na parte superior da cabeça da criança, onde está o cérebro, a água fria é um golpe mortal, uma vez que a cabeça está muito quente pelas circunstâncias do nascimento. Saccombe propõe, então, água morna, também defendida pelas parteiras, que concordavam com essa observação de Mme. Du Coudray.

O médico aqui analisado torna pública sua observação no *Jornal du Soir*, redigido por Etienne Feuillant, *Le 9 ventose 1792*, ao enviar *Une carte du médecin accoucheur au évêque de Paris*.<sup>73</sup> A resposta da Igreja não tardou a ser manifestada na resposta de um tal C. Forestier, *maître en chirurgie-accoucheur*, baseado nos depoimentos de parteiras que, segundo ele, davam pistas de que, na hora do batismo, os recém-nascidos não gritavam, o que sugeria que eles já estavam mortos. A Igreja encerrou a discussão solicitando ao Dr. Saccombe que não abordasse um assunto tão doloroso para as famílias francesas.

Como se foi esboçando no panorama político-científico da época, os esforços de Saccombe no sentido de impedir a prática da cesariana em vida e de manter a arte nas mãos femininas ou das parteiras não poderiam ter tido êxito pelo seguinte: de um lado, temos o Estado condenando-o à prisão e alegando ser ele um caluniador; de outro, temos a Igreja Católica mostrando sua preferência pelo nascimento

<sup>73</sup> Saccombe critica a atuação de padres médicos ligados à igreja. Essa idéia é muito importante, pois dá ao leitor uma visão da porta de passagem e de comunicação das idéias tanto da ciência como da Igreja Católica (e vice-versa), bem como polemizar que o batismo poderia levar a que os preceitos da Igreja Católica fossem questionados, abrindo novamente o flanco para que as idéias dos protestantes penetrassem na França.



artificial, para não ser questionada no ritual de batismo e da saúde das almas. De outro lado, ainda, os pressupostos paradigmáticos, se assim podemos chamar a mentalidade científica de uma época, que sustentaram a ciência médica do período, também apontaram para a cesariana em vida.

A medicina francesa encontrava-se muito influenciada pelos pressupostos teóricos terapêuticos de François Joseph Victor Broussais (1772-1832), criador da máxima: “A vida era um estado forçado [...]. Não podemos permanecer na inação. Não devemos confiar nas forças da natureza, ela nada pode sem as coisas exteriores.”<sup>74</sup> Os pressupostos broussonianos apontavam para uma ontologia médica, na qual se encontravam os passos para procurar no exterior o restabelecimento da saúde.

As teorias de Broussais, associadas às idéias do sistema de Brown (1735-1788), no qual “a doença era vista numa relação do organismo com o meio”, levaram ao abalo da velha concepção terapêutica baseada no poder de cura da natureza.<sup>75</sup>

O antigo formato contemplativo da terapêutica natural (base da obstetrícia expectante) passou a ser substituído pelo remédio broussoniano da depleção, que consistia em diminuir a quantidade dos humores no organismo, intervindo de duas maneiras:

- de forma geral, mediante a sangria;
- de forma local, pela aplicação de sanguessugas nas partes afetadas.

As sanguessugas e sangrias, aliadas aos purgativos, foram a base da terapêutica médica durante todo o século XIX, todas

<sup>74</sup> CAMGUILHEM, G. *Ideologia e racionalidade nas ciências da vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. Camguilhem se baseia em ACKERKNECHT, E. H. *Medicine at Paris Hospital (1794-1848)*. Baltimore, 1967. p. 62. Veja-se, do mesmo autor, *O normal e o patológico*, cap. 2: Augusto Comte e o princípio de Broussais.

<sup>75</sup> CAPRA, F. *O ponto de mutação, a ciência, a sociedade e a cultura emergente*, p. 169.



importadas da rotina “míope” que tanto criticou Saccombe e foram aplicadas às grávidas, ao parto e aos seus cuidados.

Questionada a capacidade resolutive da natureza no parto, iniciou-se o desenvolvimento instrumental para submeter o útero à implantação dos preceitos broussonianos, linearmente aplicados às mulheres grávidas, ao parto e aos cuidados puerperais.

Por outro lado, segundo aponta Capra,<sup>76</sup> os parâmetros que demarcaram o nascimento das concepções broussoniana e browniana inscreviam-se em um projeto comum de Bacon e Descartes da “descrição matemática da natureza e o método analítico de raciocínio”.

O espírito baconiano, ao que parece, mudou profundamente a compreensão que se tinha da natureza, como também do objetivo da investigação científica do seu tempo. Desde a Antigüidade, os objetivos da ciência consistiam na sabedoria, na compreensão da ordem natural e na vida em harmonia com ela. A ciência era realizada “para maior glória de Deus”. Com Bacon, a natureza tinha de ser acossada em seus descaminhos, “obrigada a servir” e “escravizada”, ser reduzida à obediência, e o objetivo do cientista era “extrair da natureza, sob tortura, todos os seus segredos”.<sup>77</sup>

Dessa maneira, Capra apontou que as metáforas utilizadas por Bacon exprimiam já um pensamento científico contaminado por *idéias patriarcais*.<sup>78</sup> Assim sendo, a substituição que houve, posteriormente, da concepção orgânica da natureza (base da obstetrícia expectante) para a metáfora do mundo como máquina fez com que o conceito de “terra como mãe nutriente”, já transformado radicalmente por

<sup>76</sup> CAPRA, F. *O ponto de mutação, a ciência, a sociedade e a cultura emergente*, p. 49-52.

<sup>77</sup> CAPRA, F. *O ponto de mutação, a ciência, a sociedade e a cultura emergente*, p. 52.

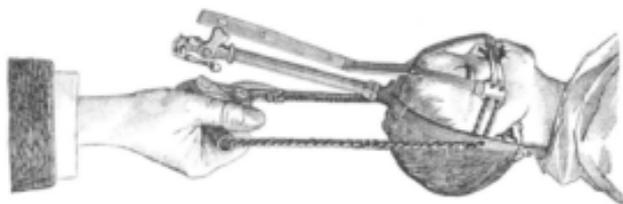
<sup>78</sup> Pois, segundo F. Capra, Bacon viveu num momento em que se descrevia a natureza como fêmea, bem como tinha conhecimento dos processos contra as bruxas.



Bacon, desaparecesse completamente nessa revolução científica que se operou desde o século XVII.

A dor e a morte de mulheres que vieram em decorrência da implementação dessas práticas terapêuticas ao longo do século XIX só puderam ser modificadas no final desse século. Num cenário em que todos os jornais populares da época estampavam nas suas manchetes o escândalo da morte materna, a opinião pública pressionava no sentido de encontrar uma solução definitiva para a morte da parturiente hospitalar.

É no final do século XIX que medidas profiláticas e de higiene, associadas a condicionantes políticos-sociais, pressionaram pela “escolha” do médico como único profissional hegemônico na atenção ao parto.



Novo *sériceps* de Poullet, ou fórceps suave. Figura 305 do livro de G. J. Witkowski: *Histoire des accouchements chez tous les peuples: l'arsenal obstétrical*

## Conclusão

A idéia de quem propôs a **Escola de Partos** em Paris é controversa.

Segundo Gélis e Beauvalet,<sup>1</sup> Alphonse Leroy, professor da Faculdade de Medicina de Paris, submeteu um projeto à Assembléia Nacional, em fins de 1790. Nele, havia uma tentativa embrionária de propor um ensino anatomoclínico sobre a saúde da mulher, funcionando inicialmente no Hospital Salpêtrière e reunindo alunos de Medicina e alunas parteiras.

Leroy<sup>2</sup> propunha uma espécie de seminário para alunos que fossem especializar-se nos cuidados do parto, da saúde das mulheres e dos recém-nascidos, com o objetivo de superar “os cirurgiões sem Lumières” e as “parteiras sem capacidade” que abundavam na época e que, segundo ele, tinham feito do parto uma “operação perigosa”.

Ao lermos mais detidamente o documento, nota-se que a Escola proposta por Leroy (1742-1816) seria aberta apenas para 83 alunos do sexo *masculino*, escolhidos de todos os departamentos da França, reunidos entre 15 e 18 meses,

<sup>1</sup> BEAUVALET, S. *La mutation...*, p. 2. Veja-se também essa hipótese desenvolvida por GÉLIS, J. *La sage-femme ou...*, p. 231.

<sup>2</sup> MAC-AULIFFE, Léon. Un séminaire d'accoucheurs, projet d'établissement d'une école d'accouchement en 1790. *La France Médicale*, p. 23-25, 1901.



dedicados sacerdotalmente à pesquisa. Seu projeto *não* incluía alunas do sexo feminino.

Para tais estudos, seriam necessárias apenas 20 mulheres doentes crônicas ou em pré/pós-parto e seis crianças.

A Escola não seria gratuita. Os alunos pagariam uma taxa de 1.300 libras, que poderiam ser cobertas pelos departamentos ou por eles mesmos.

Para que não houvesse problemas com a Escola, do ponto de vista das normas disciplinares institucionais,<sup>3</sup> Leroy propôs que ela fosse supervisionada por uma espécie de polícia da municipalidade de Paris.

O Hospital da Salpêtrière tinha sido apontado como o lugar ideal para a criação dessa Escola, exatamente porque era uma prisão feminina. Muitas mulheres estavam doentes ou tinham seus filhos naquele espaço carcerário. Essa condição social de algumas mulheres abria um conjunto de “problemas de saúde feminina” para observação e estudo, sem grandes obstáculos pelas normas morais da época. Tudo indica que seria permitido esse tipo de “relação”, dadas as pretensas qualidades morais das pacientes.

As ambições de Leroy no campo da pesquisa médica de época fizeram-no solicitar também a anexação de determinada escola de Veterinária *D'Alfort qui dans son éloignement est à peu près aussi inutile qu'elle pourrait l'être au fond d'une province.*<sup>4</sup> Por essa escola veterinária, lembremos, tinha passado também

<sup>3</sup> Uma lei impedia que os alunos entrassem nas salas femininas e de parto dos hospitais, segundo consta na p. 5, motivo do plano de estudos citado por MAC-AULIFFE, L. *Un seminaire...*, p. 24.

<sup>4</sup> MAC-AULIFFE, L. *Un seminaire...*, p. 25. Também em E. Badinter podemos entender das palavras dos criadores da escola de veterinária D'Alfort, criada em Lyon, em 1762, o seguinte “Bertin preocupou-se tanto com a produção animal como com a produção humana” [...] “Não nos podemos impedir, sem querer ironizar, de comparar a parteira, o veterinário e o agricultor, que têm todos por função dar a vida, ou torná-la possível”. (*Um amor conquistado. O mito do amor materno.*)



a parteira Mme. Du Coudray, contribuindo para a sua organização e com um curso de partos nos animais. Muitas hipóteses poderíamos imaginar dessa passagem tão pontual e estratégica.

A idéia desse seminário, situado na Salpêtrière, bem diante do Centro de Estudos dos Naturalistas, aproximando a Escola de Veterinária geograficamente, certamente significaria um lugar de pesquisa em seres humanos, privilegiado para a época. Embora o projeto tenha sido aprovado em 12 de fevereiro de 1791, por Cousin, representante do corpo municipal e enviado ao Comitê de Mendicância e Alienação da Assembléia Nacional, não foi implantado.<sup>5</sup>

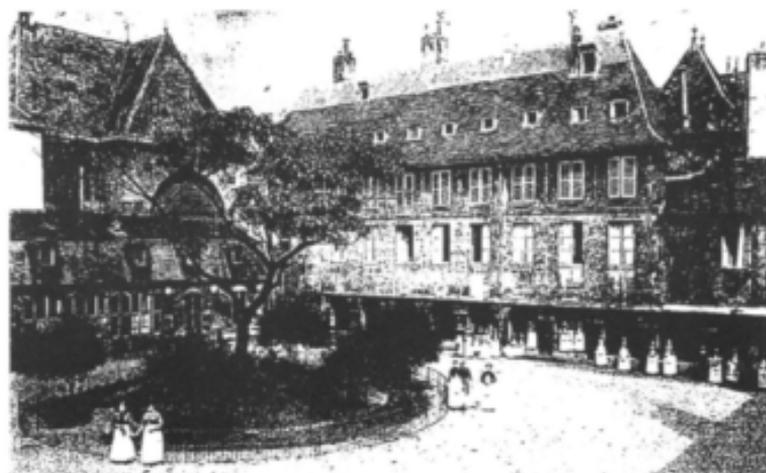


Imagem do cotidiano da Escola do Parto. Paris, século XIX. Fonte: PARIS Ignoré, [s.d.]. BHAPP.

<sup>5</sup> MAC-AULIFFE, L. *Un séminaire...*, p. 25. Diante disso, Leroy implanta, na Escola Central de Saúde, o projeto de duas cadeiras de parto: a primeira para os estudantes de Medicina; a segunda para as parteiras. Desta, foram professores ele (como adjunto) e Baudelocque (titular) em 27 de novembro de 1794. In: HUGUET, F. Les professeurs de la Faculté de Médecine de Paris. In: DICTIONNAIRE biographique 1794-1939. Paris: CNRS, 1991, p. 296-297.



Três grandes impedimentos influíram no seu arquivamento: os conflitos internos à Revolução, os limites da moral sexual burguesa e certa conjunção de fatores que favoreceram o controle do projeto da Escola do Parto para as mulheres liderado por Mme. Lachapelle.

Veiculava-se para a época princípios virtuosos de uma prática médica pudica, ou seja, mulheres cuidando de mulheres, *apelée visiteuse*,<sup>6</sup> simultaneamente a uma nova investida política, no sentido de redimir as mães solteiras.

As idéias de Leroy, mesmo sendo apresentadas como inocentes e altruístas, eram vistas também como “idéias pagãs”, intoleráveis ao seu tempo, provavelmente por setores ligados à Igreja:

Uma mulher pode dar à luz em presença de um grande número de estudantes dirigidos por seu professor sem ferir o pudor. Tocar será no intuito de seguir o caminho da natureza. Eu dei durante 15 anos esta espécie de instrução e jamais um aluno faltou ao menor escrúpulo de decência. Um parteiro é sempre mais atento quando está ao lado da mulher do que as próprias mulheres; um sexo se interessa mais pelo outro do que pelo seu. Onde sofre uma mulher, seus suspiros reclamam principalmente os cuidados de um homem.<sup>7</sup>

Difícil querela que aqui vai se esboçando. Como entender, então, uma relação harmoniosa entre os homens e as mulheres na atenção ao parto ou mesmo um projeto comum entre esse grupo médico (vencido) e a nova Escola projetada para as mulheres parteiras, com Mme. Lachapelle na liderança da construção de uma clínica do parto?

<sup>6</sup> RAPPORT du comité de medecité, *apud Archives Parlementaires de 1787 a 1860*. Paris: 1884, t. 22, p. 3 *In*: MAC-AULIFFE, L. *Un séminaire...*, p. 24.

<sup>7</sup> Plano de Leroy. p. 9, note 1. *In*: AF 15/1861, *apud* MAC-AULIFFE, L. *Un séminaire...*, p. 25. No regulamento aprovado em 22 de fevereiro de 1802 pelos serviços de saúde, dispunham os art. 100, 101 a destinação do curso a ambos os sexos e subordinação da parteira-chefe ao cirurgião chefe. (CARRIER, H. *Origines...*, p. 241-242.)





A saída da maternidade. Pintada por A. Demarest, 1900.  
(Mulher pobre após o parto com seu bebê nos braços.)

## Bibliografia

BEAUVALET, S. Faut-il supprimer les maternités? Publicado na revista da exposição *L'Hereux Évenement: une histoire de l'accouchement*. BHAP.

BEAUVALET, S. La mutation de la transmission du savoir: de la matrone à la sage-femme médicalisée. *Annales de Démographie Historique*, 1995.

BEAUVALET, S. Perdre la vie en la donnant: La mortalité maternelle à Port-Royal, 1815-1826. *Annales de Démographie Historique*, 1994.

BEAUVALET, S.; RENARD, J. *Des sages-femmes qui sauvent les mères?* (1777-1807). *Histoire, Économie, Société*, n. 2, p. 269-290, 1994.

BOURGEOIS, L. (conhecida como Boursier). *Observations diverses sur la stérilité, perte de fruits, fécondité, accouchements et maladies des femmes et enfants nouveau-nés, suivi de instructions à ma fille*. (1609). Preface de Françoise Olive. Paris: Côté-femmes, 1992. 223 p.

BRENES, A. Correa. História da parturição no Brasil século XIX. In: GIFFIN, K. M. (Coord.). *Cadernos de Saúde Pública* (Mulher-Saúde), v. VII, n. 2, abr./jun. 1991.

BRENES, A. Correa. *Mulheres poliqueixosas ou maior desgaste: consequências da condição feminina no processo saúde/doença*. 1987. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 1987.

BRENES, Anayansi Correa. Nascimento e declínio da escola de parceiras diplomadas francesas: 1802-1877. *Revista Médica de Minas Gerais*, v. 9, n. 1, p. 39-45, jan./mar. 1999.



BRENES, A. Correa. *Um olhar brasileiro sobre o caso de Paris: o conflito parteiras-parteiros e seus desdobramentos no Rio de Janeiro, século XIX*. 1996. Tese (Doutorado) – Niterói, 1996.

CAMGUILHEM, G. *Ideologia e racionalidade nas ciências da vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

CANGIAMILA, F.E. *Embriologia sacra, ovvero dell'uffizio de'sacerdoti, medici e superiori circa l'eterna salute de' bambini racchiusi nell'utero*. Paleme: F. Valenza, 1745.

CAPRA, F. *O ponto de mutação, a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1988.

CARRIER, H. *Origine de la maternité de Paris: les maitresses sages-femmes et l'office des accouchées de l'ancien Hôtel-Dieu (1378-1796)*. Paris: Steinheil, 1888. 272 p.

CONSTANCE, Joel. *Les filles d'Esculape: lès femmes à la conquête du pouvoír medical Paris*: Robert Lafond, 1988.

COULON-ARPIN, M. *La maternité et les sages-femmes de la pré-histoire au XX<sup>ème</sup> siècle*. Paris: Roger D'Acosta, 1982. 2 v.

DELACOUX, A. *Biografie des sages-femmes célèbres, anciéennes, modernes et contemporaines*. Paris: Chez trinquant, 1834.

DIDOT FRÈRE, M. Firmin. *Nouvelle biographie générale depuis les temps les plus régulés jusqu'à nos jours*, par la direction de M. le Dr. Hoefér, Paris: Firmim Didot Frères, MDCCCLVIII, 1858.

DUROCHER, M. J. M. Aderência de placenta. *Annaes da Academia de Medicina do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. Universal de Laemmert, VI série, t. I, 1885-1886.

DUROCHER, M. J. M. *Conselhos sobre a escolha de amas, e as causas que influem acerca d'amamentação d'uma creança*. Rio de Janeiro: Tipografia de Teixeira e Cia.1849. 71 p.

DUROCHER, M. J. M. Considerações sobre a clínica obstétrica. *Annaes da Academia de Medicina do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, VI série, t. II, n. 3, p. 241-342, jan./mar. 1887.

DUROCHER, M. J. M. Deve ou não haver parteiras. In: *Annaes Brasilienses de Medicina do Rio de Janeiro*, v. XXII, n. 8, p. 256-271, jan. 1871; v. XXII, n. 9, p. 289-302, fev. 1871; v. XXII, n. 10, p. 329-336. mar. 1871.



DUROCHER, M. J. M. *Do emprego do centeio espigado nos partos*. Trabalho lido na sessão de 19 de junho de 1871. Mimeografado.

DUROCHER, M. J. M. *Idéias para coordenar a respeito da emancipação*. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário do Rio de Janeiro, 1871. Microfilme 76, 1, 4, n. 9: Obras raras.

DUROCHER, M. J. M. Medicina legal à vol d'oiseau (em relação aos corpos de delito). *Annaes Brasilienses de Medicina* –1884-1885. Rio de Janeiro: Typ. Universal, 1884. t. XXXVI.

DUROCHER, M. J. M. O chloral (memória da parteira Durocher) p.39-40. *Annaes Brasilienses de Medicina* (referência após o artigo), t. XXIII, jul. 1871 n. 2.

DUROCHER, M. J. M. Questão de defloramento. *Annaes Brasilienses de Medicina*, t. XXIII, n. 10, p.388-400. mar. 1872 (Crime previsto no art. 219 Código Penal).

DUROCHER, M. J. M. *Reflexões sobre a eclâmpsia e convulsões dos recém-nascidos*. Rio de Janeiro: Typ. Central de Evaristo Rodrigues da Costa, 1883. 63 p.

DUROCHER, M. J. M. Um caso clínico de terminação fatal. *Annaes de Medicina do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ Universal de Laemmert & Cia., VI série, n. 3, t. I, p.359-366, mar. 1886 (Bib. do Dr. Olímpio da Fonseca).

DUROCHER, M. J. M. Uma observação clínica. *Annaes Brasilienses de Medicina*. Rio de Janeiro: Typ. Universal, 1882. t. XXXIII, p. 434-438. jul./ago./set. 1881.

FILIPPINE, N. M. *La naissance extraordinaire: la mère, l'enfant, le prete, le medecin face à l'operation césarienne* (Italie, XVIII<sup>ème</sup> - XIX<sup>ème</sup> siècles). 1993. 700 f. These de 3<sup>ème</sup> cycle (Doctorat) – EHESS, Paris, 1993.

FOSSEYEUX, Marcel. *Les sages-jemmes et nourrices à Paris au XVII<sup>ème</sup> siècle*. Paris: Imp. de la Revue de Paris, 1921. Cote B-I041(15) BHAPP.

FRANKLIN, Alfred. *Dictionnaire historique des arts, métiers et professions exercés dans Paris depuis de trezième siècle*. Paris: Welter, 1905. v.1.



FUNCH, R. G. *Poor and pregnant in Paris: strategies for survival in the nineteenth century*. New Jersey: Rutgers University Press, 1992.

GÉLIS, J. entrevista em France Culture, out.1995. Arquivo oral.

GÉLIS, J. *L'arbre et le fruit: la naissance dans l'occident moderne XVI<sup>ème</sup> e XIX<sup>ème</sup> siècle*. Paris: Fayard, 1984.

GÉLIS, J. *La sage-femme ou le médecin: une nouvelle conception de la vie*. Paris: Fayard, 1988, 560 p.

HUGUET, F. Les professeurs de la Faculté de Médecine de Paris. In: DICTIONNAIRE BIOGRAPHIQUE (1794-1939). Paris: CNRS, 1991, p. 296-297.

HUSSON, A. *Les hôpitaux à Paris*. Paris: P. Dupont, 1862.

ISAMBERT, M. M. *Recueil général des anciennes lois françaises depuis l'an 420 jusqu'à la Révolution de 1789 par avocat aux conseils du roi et à la Cour de Cassation*. Paris: Belin-Leprieur, 1829.

L'HEREUX événement: une histoire de l'accouchement. Musée de l'Assistance Publique – Hôpitaux de Paris. Exposição realizada de 7 de abril a 16 de julho de 1995.

LA CHRONIQUE médicale. *Revue Bimensuelle de Médecine: historique, littéraire et anecdotique*, 16<sup>o</sup> année, n. 18, p. 588-589, 15 sept. 1909.

LA POIX de fréminville. Arrêts du parlement du 12 décembre 1726, 3 sept. 1728; sentences du lieutenant criminel des 15 juillet 1729, 5 avr., 12 maio 1742, 22 sept. 1765, *apud* FOSSEYEUX, Marcel. *Les sages-femmes et nourrices à Paris au XVII<sup>ème</sup> siècle*. Paris: Imp. de la Revue de Paris, 1921, p. 3.

LAGET, M.; MOREL, M. F.; GÉLIS, J. *Entrer dans la vie: naissances et enfances dans la France traditionnelle*. Paris: Collection Archives, 1978. 246 p.

LALLEMAND, L. *Histoire de sa charité*. Europe. Paris: Librairie Alphonse Picard, 1912, t. quatrième: les temps modernes du XVI<sup>ème</sup> au XIX<sup>ème</sup> siècle. 2<sup>a</sup> partie.

LAROUSSE, Pierre. *Grand dictionnaire universel du XIX<sup>ème</sup> siècle*. Paris: Viúva de P. Larousse & Cia. Imprimeurs, [s.d.].



LE JEUNE, M. Sue. *Essais historiques sur l'art des accouchements*, 1779, v. 2, apud LA CHRONIQUE médicale. *Revue Bimensuelle de Médecine: historique, littéraire et anecdotique*, 16<sup>e</sup> année, n. 18, sept. 1909.

LEBRUN, F. *Les hommes et la mort en Anjou aux 17<sup>me</sup> et 18<sup>me</sup> siècles*. Essai de démographie et de psychologie historiques. Paris-La Haye, Mouton, 1971.

LEFAUCHER, N. Les accoucheurs des hôpitaux de l'assistance publique de Paris: de l'art des accouchements à la protection maternelle et infantile. CNRS-MIRE, IRESCO, Paris, mars. 1989.

LOUX, F. *Pratiques et savoir populaires*. Le corps dans la société traditionnelle: Paris: Espace des Hommes, 1982.

LOUX, L. La sage-femme. In: \_\_\_\_\_. *Les gens de médecine vus au milieu du XIX<sup>me</sup> siècle*. Paris: Errance. (fotocópia) [s.d.].

MAC-AULIFFE, Léon. Un séminaire d'accoucheurs, projet d'établissement d'une école d'accouchement en 1790. *La France Médicale*, p. 23-25, 1901.

MAGALHÃES, Fernando. A lição. A operação cesariana abdominal. *Clínica Obstétrica*, n. 12, p. 345.

MATHIEU, N. C. *L'anatomie politique*. Paris: Côté-femmes, 1991.

MERCIER-BOUDET. *Dictionnaire de cas de conscience (A-D) ou décisions de plus considérables difficultés touchant la morale & la discipline ecclésiastique*: tirées de l'écriture, des conciles, des pères, des décrets. Paris: MDCXXI, 1741, tome premier. Bibliothèque Archives Nationales de Paris.

NICASE, V. *Bulletin Société Française Histoire de la Médecine*, 1906. BHAPP.

QUERLIN, M. *Les ventres maudits*. Les filles-mères. Paris: Ed. de France, 1928.

RAPPORT du comité de mendicité. In: *Archives Parlementaires de 1787 à 1860*. Paris: 1884, t. 22, p. 3, apud MAC-AULIFFE, L. Un séminaire d'accoucheurs, projet d'établissement d'une école d'accouchement en 1790. *La France Médicale*, 1901, p. 23-25.



ROUYER, Jules. Etudes médicales sur l'ancienne romé. In: LA CHRONIQUE médicale. LA CHRONIQUE médicale. *Revue Bimensuelle de Médecine: historique, littéraire et anecdotique*, 16<sup>o</sup> année, n. 18, sept. 1909.

SACCOMBE, J. F. *La luciniade du docteur Saccombe, apud WITKOWSKI, G. J. Accoucheurs et sages-femmes célèbres*. Paris: G. Steinhel, 1880.

SACCOMBE, J. F. *Médecine et chirurgie des accouchemens*, côté 90.958, v. 295, n. 19 BIUM-Odeón.

SACCOMBE, J.F. *La luciniade française*, v. 3, côté 40.530. BIUM-Odeón, Paris: Chez l'auteur, 1815. v. I.

SAGES-FEMMES et nourrices de Paris au XVII<sup>ème</sup> siècle. Paris: Imp. de la Revue de Paris, 1921, côté B, Documento b 1041 (15), BHAPP.

SOARES, L. C. O nascimento da ciência moderna: os caminhos diversos da revolução científica nos séculos XVI e XVII. Arrabalde. *Cadernos de História*, 1996. Série 1: Ciência e história, p. 26.

SPEERT, H. *Histoire illustrée de la gynécologie et de l'obstétrique*. Traduit par Suzanne Caton. Paris: Roger Dacosta.1976 (546 p.) Chap. 3: Les sages-femmes.

TABET, P. Les mains, les outils, les armes, l'homme. XIX, 3-4 (Les catégories de sexe en anthropologie sociale). In: MATHIEU, N. C. *L'anatomie politique*. Paris: Côté-femmes, 1991. p. 5-61.

WITKOWSKI, G. J. *Accoucheurs et sages-femmes célèbres*. Paris: G. Steinhel, 1880.

WITKOWSKI, G. J. *L'arsenal obstetrical*. Paris: G. Steinhel, [s.d.].

WITKOWSKI, G. J. *Les accouchemens à la cour*. Paris, [s.d.].

